



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CLÁUDIA CARDOSO DE OLIVEIRA

**“DIANTE DE TANTAS LEMBRANÇAS ME PONHO A CHORAR”:
MEMÓRIAS DE AMOR E SAUDADE EM MONTE HOREBE-PB. (1960-1970)**

CAJAZEIRAS – PB

2017

CLÁUDIA CARDOSO DE OLIVEIRA

**“DIANTE DE TANTAS LEMBRANÇAS ME PONHO A CHORAR”:
MEMÓRIAS DE AMOR E SAUDADE EM MONTE HOREBE-PB. (1960-1970)**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana

CAJAZEIRAS – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras – Paraíba

O482d Oliveira, Cláudia Cardoso de.
“Diante de tantas lembranças me ponho a chorar”: memórias de amor e saudade em Monte Horebe- PB.(1960-1970) / Cláudia Cardoso de Oliveira. - Cajazeiras, 2017.
100f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1.Namoro. 2. Enamorados. 3. Memórias. 4.Jovens-relações amorosas. I. Santana, Rosemere Olímpio de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU –
392.4

CLÁUDIA CARDOSO DE OLIVEIRA

**“DIANTE DE TANTAS LEMBRANÇAS ME PONHO A CHORAR”:
MEMÓRIAS DE AMOR E SAUDADE EM MONTE HOREBE-PB. (1960-1970)**

Aprovada em: ____ de _____ de 2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana (UFCG)
Orientadora

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo (UFCG)
Examinador

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa(UFCG)
Examinador

Prof. Ms. Francinaldo de Souza Bandeira(UFCG)
Examinador

Dedico este trabalho a Joaquina, Tereza, Madalena, Vicentina, Antônia, Mariana, Marta, João e Marcos, meus maiores colaboradores, sem vocês nada disso seria possível, obrigada por todo acolhimento, disponibilidade e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui.

A minha família, em especial a minha mãe, por todo apoio e paciência comigo durante esses quatro anos.

A minha orientadora, por todo o auxílio e paciência durante essa pesquisa.

Aos meus professores e colegas de curso, em particular aos que sempre me incentivaram e me ajudaram no que era possível.

E por fim, agradeço a todos aqueles que de forma direta ou indireta fizeram parte dessa etapa tão importante em minha vida.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é problematizar as memórias de namoro dos jovens, da cidade de Monte Horebe - PB, nas décadas de 60 e 70 do século XX. As relações amorosas são múltiplas e distintas em todas as épocas e contextos, influenciadas por diversos fatores sociais, econômicos e culturais. O objetivo dessa pesquisa foi discutir por meio da história oral como se davam as relações de namoro de acordo com as experiências de homens e mulheres que foram jovens nesse período. Por meio de relatos orais, buscamos perceber de que forma os jovens se relacionavam, quais influências do meio em que viviam interferiram em suas posturas, as possíveis táticas usadas para romper com determinados padrões da época e tentar captar as sensibilidades desse grupo. Partindo da História Cultural, a presente pesquisa foi realizada através de entrevistas com homens e mulheres que vivenciaram esse período, além da análise de algumas cartas e também fotografias dedicadas aos enamorados.

Palavras-chave: Memórias. Namoro. Monte Horebe - PB. Jovens

ABSTRACT

The purpose of this research is to problematize the dating memories of young people from the city of Monte Horebe-PB in the 60's and 70's. Love relationships are manifold and distinct in all ages and contexts, influenced by various social, economic, and cultural factors. The purpose of this research is to discuss, through oral history, how the dating relationships were given according to the experiences of men and women who were young during this period. Through oral reports, seek to understand how young people related to each other, what influences of the environment in which they lived that interfered in their postures, the possible tactics used to break with certain patterns of the time and try to capture the sensitivities of that group. Starting from Culture History, the present research was carried out through interviews with men and women who lived through this period, besides the analysis of some letters and also photographs dedicated to lovers.

Keywords: Memories. Dating. Monte Horebe-PB. Young

SUMÁRIO

Conteúdo

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	15
1. O CONTEXTO DA CIDADE DE MONTE HOREBE NOS ANOS 60 E 70.....	15
1.1. Monte Horebe - PB dos anos 60 e 70	15
1.2 Vivências: Ser Jovem em Monte Horebe dos anos 60 e 70.	19
CAPÍTULO II	27
2. MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS: NAS BRUMAS NO PASSADO	27
2.1- LEMBRAR E ESQUECER: AS TEIAS DA MEMÓRIA	27
2.2- O ESPAÇO DAS EXPERIÊNCIAS.....	30
CAPÍTULO III	39
3. RELAÇÕES AMOROSAS: ENTRE DIZERES E VIVERES	39
3.1- SER NAMORADOS EM MONTE HOREBE	39
3.2- RITOS: DO NAMORO AO CASAMENTO	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS	57
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	57
CARTA ENVIADA POR PAULO DE SOUSA PARA TEREZA DE SOUSA.....	60
CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO.....	61
CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO.....	62
CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO.....	63
CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO.....	65
CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO.....	67
ENTREVISTA 1.....	68
ENTREVISTA 2.....	81
ENTREVISTA 3.....	88
ENTREVISTA 4.....	90
ENTREVISTA 5.....	92
ENTREVISTA 6.....	99

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca conhecer as memórias e as lembranças de namoro analisando assim um universo de minúcias e significados acerca das relações amorosas, buscando problematizar o vivido e o sentido pela juventude do Município de Monte Horebe - PB, na década de 60 e 70.

Esta pesquisa busca ainda refletir e problematizar questões como: “Quais as lembranças da época de namoro?”, “O que era ser namorado em Monte Horebe nos anos 60 e 70?”, “Quais os códigos de comportamento e conduta que orientavam as relações amorosas nos anos 60 e 70, na cidade em questão?” “De que forma as sociabilidades se impunha nas relações amorosas desse período?”.

Uma pluralidade de fatores me levou a empreender esta pesquisa. Durante a graduação li alguns trabalhos sobre relações amorosas, o que me aguçou o sentimento de saber mais sobre a questão. Percebi que essa temática estava ganhando espaço na academia e pensei ser relevante contribuir para outros questionamentos na área. Além disso, os namoros e suas memórias sempre me fascinaram e percebi a necessidade de falar sobre o tema no lugar onde vivo Monte Horebe - PB.

No período entre 1960 e 1970, o município de Monte Horebe era uma cidade que tinha alcançado recentemente sua emancipação política, assim nesse período os quadros sociais, políticos, culturais e religiosos estavam em transformação. Acredita-se que a presente pesquisa irá contribuir para os estudos de História Local, que são escassos e para a reflexão e despertar de pesquisas posteriores.

O intuito é compreender como e de que forma os jovens dos anos 60 e 70 da cidade já citada, se relacionavam, como o namoro estava sendo entendido e quais as influências e ditames do contexto em que estavam inseridos que interferiam em suas posturas dentro das relações, bem como as possíveis táticas usadas para romper e burla alguns dos padrões vigentes na época, ou seja, nos aproximar das sensibilidades desse grupo no campo amoroso.

Considerando as especificidades do contexto espacial e temporal buscou-se problematizar os elementos subjetivos que caracterizavam ser rapaz, ser moça, ser namorado, atentando para o cotidiano do namoro e para os sentimentos que conformavam essa realidade, e através da memória perceber as contradições, os silêncios, as relações de poder e de interesses que sedimentam essas relações.

Para responder as questões colocadas na pesquisa será utilizada como fonte a História Oral, onde foi entrevistado um grupo de cidadãos de Monte Horebe: Tereza de Sousa, 76 anos, solteira; Joaquina de oliveira, 71 anos, solteira; Madalena pereira de lima, 60 anos, divorciada; Vicentina, 64 anos, casada; Mariana pedrosa, 75 anos, viúva; Antônia, 76 anos, casada; João pereira, 78 anos, casado. Jovens esses que viveram experiências amorosas nas décadas de 60 e 70.

Considerando a história oral uma metodologia que se preocupa menos sobre os eventos, e mais com os significados, sua contribuição consiste em permitir o contato com a subjetividade do expositor, conhecer não apenas o que foi feito, mas saber a intenção do que queria fazer ou que pensa que fez, já que a memória não é um depósito de fatos, mas um processo de criação de significados. Nesse sentido, a utilização das fontes orais para o historiador não está tanto nas preservações do passado, mas nas mudanças feitas pela memória, que revelam as intenções dos narradores em buscar um sentido no passado, dando formas às suas vidas, contextualizando historicamente a narração. Pensar o namoro a partir da história oral significa problematizar que os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações, que afluem na subjetividade do ser humano, repassados através da linguagem. (RECH, 2008, p.10-11)

A História Oral enquanto recurso metodológico possui um vasto potencial de análises, pois dá condições para se descortinar um universo de significações e subjetividades. Essa metodologia coloca o pesquisador em contato com emoções, tramas, sentimentos, interesses, escolhas e lembranças. “A memória expressada através do testemunho oral é uma leitura do passado com os interesses, disputas e questionamentos do presente”. (RECH, 2008, p.11).

Para estudar o namoro, a História Oral se mostra ainda mais rica, dando a possibilidade de problematizar a organização das lembranças, a maneira de compreender e representar as experiências vividas e a forma de organizar a memória. Dessa forma, essa metodologia “possibilita a entrada no mundo das memórias das pessoas que vivenciaram o momento no qual pretendemos estudar. (...) é possível adentrar na subjetividade, nas suas representações sobre as próprias experiências”. (RECH, 2008, p.12)

A memória pode ser compreendida enquanto registro mental que nos permite acionar referenciais do passado e que não é somente lembranças, mas também esquecimento. Absolutamente subjetiva, a memória não é um referencial que está

pronto, ele está em constante estado de reelaboração e de construção sempre que acionadas pelos sujeitos.

As compreensões historiográficas nos apontam para o entendimento de uma memória individual e uma coletiva, apesar de que ambas são interdependentes e não existem sem a outra.

Nada nos chega do passado que não seja convocado por uma estratégia, armado por uma tática, visando entender a demanda de nosso próprio tempo. (Muniz, 2007, p.154). Partindo desse pressuposto foi necessário construir algumas técnicas de trabalho e de manuseio das fontes para a realização da pesquisa. Como exemplo, saber explorar as riquezas das fontes, no caso a História Oral, as cartas e fotografias. Teve-se a acesso a alguns bilhetes e cartas enviados por namorados. Além de que foram utilizadas algumas poucas fotografias de casais de namorados, nas quais se percebe dedicatórias que evidencia que está foi uma troca de carinho entre os casais.

A fotografia pode ser e é um importante aliado para o historiador, pelo fato de que ela é dotada de uma evidência histórica, como defende Peter Burke (2006). No entanto, o manuseio das fontes imagéticas requer uma crítica cuidadosa pelo fato de que fotos são objetos discursivos e ideologicamente orientados, o que significa que uma determinada foto pode tentar criar uma realidade, obedecendo aos direcionamentos do fotógrafo. Este por sua vez, fotografa a partir de um lugar social podendo estar movido por interesses e escolhas.

A análise das fotos foi feita buscando identificar as evidências históricas que elas nos indicam, tendo em mente o contexto no qual ela foi produzida. “Para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fonte, está consciente das suas fragilidades”. (Burke, 2004, p.18). Para superar ou lidar com essas fragilidades o autor sugere uma crítica documental, que abrange o exercício crítico dos elementos que integram a fotografia, tanto os elementos físicos (cor, brilho, ângulo, contornos e posições) como os sociais (contexto, autor e datação).

Mas a principal fonte usada, até mesmo pela ocorrência, foi a História Oral. A história oral é uma fonte que oferece múltiplas possibilidades. Nesse sentido, Thompson (1998,98) estabelece um procedimento técnico, para o trato com tais fontes, que se refere a quatro procedimentos: projeto, entrevista, armazenamento e

peneira. O projeto é a fase de articulação e preparação na qual o pesquisador deve planejar os seus atos, organizar as suas ações e estudar o objeto de pesquisa, para garantir o sucesso da entrevista. Nesse momento, ainda, o pesquisador deve formular as perguntas da entrevista, que devem ser claras e objetivas. Em seguida vem a fase da entrevista, etapa decisiva do processo. O momento em que o pesquisador fará as perguntas elaboradas aos sujeitos selecionados para a entrevista, as questões devem ser de fácil entendimento. É importante que o pesquisador deixe o entrevistado a vontade, mesmo que em alguns momentos ele destoe do perguntado. Após a entrevista vem o armazenamento das informações, para isso se utiliza de gravadores ou do próprio celular em seguida é recomendável armazenar em lugares seguros, para isso contamos hoje com a tecnologia dos computadores. Por fim a chamada peneira, o próprio nome condiciona o seu significado, é o momento de seleção, escolha criteriosa e de triagem. É chegado o momento de selecionar o que é proveitoso para a pesquisa, o que atende a demanda do observador, pelo fato de que algumas informações tendem a serem descartadas, reafirmo que em alguns casos o entrevistado foge do assunto e da pergunta feita.

Assuntos como o namoro, o casamento, as amizades, só podem ser pensados a partir de um leque de questões, que envolvem sentimentos, valores, etnicidade, religiosidade, influências institucionais e as construções de gênero. (RECH, 2008, p.8). Assim esta pesquisa lida com memórias, sentimentos e suas minúcias, temática que por muito tempo era escamoteada das produções acadêmicas.

A partir da História Nova, abriram-se espaços para a discussão e escrita das mais variadas histórias, problematizando temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional, dando visibilidade aos “personagens ocultos”. Esta nova perspectiva contempla o estudo de gênero, pensando como os papéis masculinos e femininos foram construídos historicamente. Os relacionamentos interpessoais e os papéis sexuais podem ser percebidos através das memórias, ou seja, a partir da metodologia da história oral, é possível dar voz aos homens e mulheres, e através da sua subjetividade as experiências sociais do passado vão aos poucos emergindo, como as lembranças da juventude joinvilense na década de 1950. (RECH, 2008, p.05)

A História Nova promove uma abertura temática e metodológica, abrindo espaço para reflexões antes marginalizadas e tidas como pouco importante. Os

papeis do homem e da mulher e os relacionamentos interpessoais, são exemplos de objetos de estudos que vem ganhando espaço nas pesquisas na academia. A presente pesquisa, de certa forma é produto desses deslocamentos historiográficos.

Falar sobre namoro, saudade e amor em Monte Horebe dos anos 60 e 70 é uma análise que envolve muitos elementos e âmbitos, uma vez que:

Abordar as dimensões do cotidiano, do lazer, das amizades e dos namoros significa sondar as experiências lembradas e os esquecimentos, de pessoas de diferentes situações sociais, que nas suas múltiplas significações podem contar sobre a cidade, sobre os papéis considerados femininos e masculinos, sobre a idealização do parceiro ou parceira ideal, e outras conversas. (RECH, 2008, p.23)

Ao lidar com as vozes dos sujeitos, nas falas sobre memória, lembrança e namoro estamos sondando espaços de experiências e de significações múltiplas, que emergem de um espaço social e de um espaço de memória elaborado e reelaborado.

O texto da pesquisa está dividido em três capítulos: O primeiro intitula-se Monte Horebe dos anos 60 e 70, problematizando as esferas do social e do cultural e buscando compreender como estavam organizadas as vivências e cordialidades. Além de problematizar o que era ser jovem em Monte Horebe nesse período e como era o cotidiano e as configurações das vivências desses jovens.

O segundo capítulo “Memórias e lembranças: nas brumas do passado”, apresenta e problematiza as memórias de namoro, a partir da fala dos entrevistados, discutindo como são lembradas e caracterizadas as experiências amorosas vividas nos anos 60 e 70 em Monte Horebe.

Por fim, o terceiro capítulo “Relações amorosas: entre dizeres e viveres”, apresenta e busca compreender, a partir das cartas, fotografias e das entrevistas o que caracterizava o namoro em Monte Horebe no período estudado, problematizando como eram vivenciadas as relações amorosas entre os jovens e como eram lembradas; Além disso, analisa os códigos de comportamento que orientavam as relações amorosas e os códigos de vivências que influenciavam o namoro no período em questão.

CAPÍTULO I

1. O CONTEXTO DA CIDADE DE MONTE HOREBE NOS ANOS 60 E 70

1.1. Monte Horebe - PB dos anos 60 e 70

"De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas." (Ítalo Calvino)



Vista da cidade de Monte Horebe no início dos anos 60.

Pelas estradas, nos quatro cantos de Monte Horebe - PB eram tecidos os fios da vida e do cotidiano, pelos próprios sujeitos que ali habitavam. A cidade era a o lar de todos aquelas que ali moravam, mesmo que em sítios distantes, caminhavam pelas estradas, que levavam para a feira nos sábados e festejavam nos forrós, sempre que tinha.

Morada e morador eram tão próximos e tão ligados, que não se pode falar de um sem refletir o outro. Nas ruas, no comércio, nos habituais locais de festa e em

todo o espaço de Monte Horebe - PB estavam inscritos sensibilidades, signos e significados.

Na pequena e pacata cidade de Monte Horebe - PB mesmo as grandes distâncias não produziam distâncias humanas, todos se conheciam. Não se falava em Francisca, mas em Francisca de Zeca, Antônio de Lili e Alfredo de Maria.

Monte Horebe - PB guarda muitas respostas das décadas de 60 e 70. Muitos são os ecos, elos, caminhos e descaminhos que constituem muitas lembranças e esquecimentos de sentimentos fortes e inesquecíveis.

O que futuramente viria a se constituir como cidade de Monte Horebe–PB, nas décadas de 1960 e 1970 tinha ares de vila, mas estava nas vésperas de sua emancipação política, vivendo assim um contexto de transição. Sua organização espacial, principalmente no que se refere a atividades de comércio, fazia despontar o desejo emancipatórios em termos políticos e geográficos.

Monte Horebe - PB foi originalmente um povoado que se organiza no século XIX, como tantos outros municípios paraibanos, com as intervenções do Padre Manuel Lins de Albuquerque, que em torno da devoção de Nossa Senhora da Conceição disponibilizou lotes de terras para a moradia de muitos fiéis. Esse movimento originou um povoado denominado de Santa Fé.

Santa Fé era tão desenvolvida economicamente, que vinham feirantes de várias localidades, imagina que se abatiam por feira de quinze a vinte bois e tudo era consumido. Segundo relatos de idosos que ouviram de seus antepassados, o progresso de Santa Fé era tão grande que atraiu muitos, que vinham em busca de tirar proveito do comércio e da pecuária que ali se desenvolveu. Ainda existem nas propriedades dos atuais moradores, ruínas das antigas construções, com tijolos com 40 X 22 cm, que demonstram a grandiosidade dos antigos prédios do povoado. (DIAS *et al* 2011, p.21)

Diante dessa afirmação, compreende-se que a pujança econômica advinda do comércio esteve no centro das causas que levaram a transição do povoado para cidade. O progresso das feiras parecia não caber nas conformações de um povoado, surgindo à necessidade de ser cidade. “Em meio a missa o pároco em sermão eloquente, declarou em alto e bom som que a nova localidade receberia o nome de Monte Horebe - PB, em homenagem ao encontro de Moisés com Deus na montanha árabe de Horebe. ” (DIAS *et al* 2011, p.23).

O ano de 1961 marcou a emancipação política de Monte Horebe - PB. No dia 05 de dezembro deste ano a cidade passa a figurar entre os municípios do Estado da Paraíba.

No ano de 1960, Monte Horebe já era uma vila desenvolvida, com comércio consideravelmente ativo, possuía cemitério, cartório de registro civil, igreja, correios etc. Por esse motivo muitos cidadãos daquela localidade começaram a manifestar o desejo de lutar por sua independência. (DIAS *et al* 2011, p.29).

Dessa forma a década de 1960 e 1970 marca o momento de florescimento e amadurecimento da cidade que despontou. Nessas décadas Monte Horebe - PB era um espaço pacato e com pouquíssimas instituições.

O comércio e a religião eram esferas que tiveram uma atuação representativa nessas décadas em Monte Horebe - PB. As trocas comerciais, as compras e vendas promoveram o desenvolvimento econômico da vila, criando razões e justificativas para uma emancipação política. Desse modo, as feiras contribuíram para a emancipação da cidade, sendo que:

A feira livre no Brasil constitui modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos. Herança em certa medida da tradição ibérica (também de raiz mourisca), posteriormente mesclada com práticas africanas, está presente na maioria das cidades brasileiras, sobretudo naquelas com população superior a 300 mil habitantes. Desempenham ainda hoje papel relativamente importante no abastecimento urbano, apesar das políticas públicas adversas que tiveram de enfrentar nos últimos 30 anos. (MASCARENHAS, 2008, p.75)

Nesse sentido a feira livre, enquanto prática comercial é antiga e ocupa um espaço de importância para o progresso econômico da cidade, uma vez que oportuniza aos pequenos agricultores comercializar os produtos colhidos em suas lavouras.

As feiras livres, tão importantes para o desenvolvimento de Monte Horebe - PB, não se restringe ao caráter econômico, mas também ao social e cultural.

O espaço em que se realizam as feiras é muito importante, pois ali ocorrem relações sociais que passam de geração para geração,

assim como pela sobrevivência desta prática comercial tão antiga, que resiste até hoje, e permite que os pequenos produtores ou comerciantes ambulantes e informais negociem seus produtos. (BOECHAT,2015,p.10)

As feiras são espaços de encontro de pessoas e oportunidades de sociabilidades, que atravessa tempos diversos. Em Monte Horebe - PB na década de 1960 e 1970, as feiras livres aconteciam nos sábados, reunindo os moradores que iam para vender produtos como milho, feijão, frutas e verduras e comprar. Nesse sentido, a feira “é um espaço com muita especialidade, cheio de sons, movimentos, coloridos e personagens” (BOECHAT, 2015, p.01-02).

A religião também unia e reunia as pessoas, sendo assim um elemento agregador. No ano de 1963 se oficializa a criação da Paróquia da cidade, tendo como padroeiro São Francisco. A partir disso se cria um calendário de festas e comemorações religiosas que se torna parte do cotidiano dos moradores.

As festas religiosas iniciaram-se desde os tempos remotos e tornaram-se tradicionais no município. A festa do padroeiro da cidade, São Francisco, é realizada no dia 04 de outubro com a presença de quermesses e novenas, onde o pároco local procura arrecadar fundos para a paróquia. Durante a semana de realização da festa, toda a sociedade civil das zonas urbana e rural é envolvida. A festa do mês de maio ou mês mariano em comemoração ao mês de Maria é também muito presente em diversas comunidades rurais, a exemplo dos Sítios: Braga, Queimada, Areias e Distrito de Santa Fé, entre outros, onde os fiéis pedem contribuições nas casas e no comércio, a fim de realizar a festa, que é entoada de hinos religiosos, novenas, procissões e queima de fogos de artifícios. (DIAS *et al* 2011, p.61).

Essas festas religiosas eram os espaços frequentados pelos moradores da cidade, entre eles os jovens que viam nessas festas possibilidades de lazer, encontro e reunião. Foram nesses eventos religiosos que muitos namoros e histórias entre casais se iniciaram.

As festas daqui também tinha de tudo, era sanfoneiro, música de sopro, aquelas bandas de... Trombone, toda coisas, esses bichão grandão... Tinha tudo aqui, aqui dos instrumentos daquele tocava a semana todinha aqui nas festas, coisa boa animada. (JOAQUINA DE OLIVEIRA)

Joaquina de Oliveira relembra as festas que houve em Monte Horebe –PB com espírito de grandeza, demonstrando a organização e a importância das festas que contava com músicos, bandas e vários instrumentos. Elementos que não eram recorrentes em cidades pequenas como aquela nas décadas de 1960 e 1970. As festas duravam semanas e era acontecimento na vida da cidade.

Os forrós eram as festas mais recorrentes nesse contexto, normalmente aconteciam em casas de famílias ou em casas que tinham bares. Quando os forrós eram em residências, eram conhecidos como festas de família, tinha uma autoridade perante os pais e uma imagem de respeito. Essas festas aconteciam sempre em feriados ou em datas comemorativas, já que eram períodos favoráveis para que o público fosse significativo.

As festas promovidas pela Igreja também eram comuns. As festas paroquiais tinham a parte religiosa, baseada nas celebrações no interior da Igreja e a parte chamada social, que eram festas dançantes que ocorriam próximo a Igreja ou até mesmo nas praças públicas.

1.2 Vivências: Ser Jovem em Monte Horebe dos anos 60 e 70.

Pensar sobre a juventude é também uma discussão cultural e histórica.

Nós sabemos hoje que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo. (PERALVA, 1997, p.15)

Nessa perspectiva, ser jovem em Monte Horebe- PB nas décadas de 60 e 70 envolve construção e elaboração, no qual os sujeitos receberam influências de muitos elementos presentes no seu contexto de vida. A identidade dos jovens era influenciada por costumes, pelos códigos impostos pela família, pela Igreja e pelo contexto social e histórico.

Os códigos familiares se referiam principalmente as exigências e ensinamentos dos pais. Os pais tinham posturas preteridas para seus filhos. Não beber, não frequentar muitas festas, ter um trabalho, manter a honra no caso das moças, que se referia a se manter pura até o casamento.

A Igreja também tinha seus códigos. Em dias como o de Santo Antônio o padre aproveitava para fazer um sermão direcionado aos jovens, principalmente a como se comportar no namoro e no casamento. Recomendava a castidade até o casamento principalmente para as moças, reforçava a indissolubilidade do casamento e a importância de boas escolhas para namorar e casar.

“Sozinha nunca fui em canto nenhum. Se meus irmãos fosse pai e mãe deixava e nem ele. Se não fosse nenhum podia chorar a noite inteira”, afirma Madalena Pereira de Lima, uma senhora que viveu sua juventude no contexto dos anos 60 e 70 na cidade de Monte Horebe-PB.

Madalena Pereira de Lima foi uma jovem que experimentou os ditames da família, em uma sociedade onde sair sozinha era quase impossível. A liberdade de sair em busca de lazer era tolhida por códigos que acreditava que nem todos os lugares e espaços de diversão eram apropriados e muitos deles ofereciam riscos, principalmente a honra e ao caráter das moças.

Ser “moça” significava sentir o controle dos pais, a presença paterna, materna e dos irmãos era obrigatória. Eles acompanhavam as moças em todos os espaços de festas. “Só ia para uma festa se fosse com pai. Se ele não fosse, ia mais os irmãos. Os irmãos no pé não tinham como ser hoje em dia né, tudo bem mais...” (Madalena Pereira de Lima).

Tinha-se a concepção entre os pais e mães que suas filhas não podiam frequentar qualquer lugar, uma vez que nem todos os lugares cultivava o respeito. “Os pais tinham cuidado, né... Porque toda vida eu num vou dizer que teve coisa ruim não, que toda vida teve”. (JOAQUINA DE OLIVEIRA). O medo da perda e da degeneração era presente na cabeça dos pais.

Acreditava-se que sob as moças devia ter o absoluto cuidado, era necessário vigiar para evitar que elas se desvirtuassem. Ir a festas sozinhas abria a possibilidade para que estas namorassem a sós e isso significava a possibilidade de erro, elas deixariam de ser “direitas”.

Longe dos olhares “cuidadosos” dos pais as moças podiam tornar desfrutáveis e “perder” a pureza e virgindade era um dos maiores medos da família.

A juventude, vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como retrato projetivo da sociedade. Nesse sentido, condensam as angústias, os medos assim como as esperanças, em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura. (ABRAMO, 1997, p.29).

Os anseios para com as moças representavam em grande medida características da sociedade de Monte Horebe - PB no período em questão. A juventude e as questões que as envolvia formam um retrato social dos anos 60 e 70 da cidade citada, mas também do Brasil.

Para falar de jovens, é necessário refletir sobre a própria concepção do termo juventude. Sendo histórico e cultural, a compreensão sobre juventude tende a ser diferente nas sociedades, no espaço e no tempo.

A concepção de juventude como uma categoria social distinta, com identidade própria, consciência de si e com o reconhecimento da sociedade é uma invenção do século XX. Isso não implica dizer que não houve jovens antes disso, mas que a ideia de juventude possui não apenas uma definição biológica como principalmente um conceito político e social que começou a se formar no século XIX e a consolidar no século XX. (MACHADO, 2006, p.24)

Nessa perspectiva a concepção e o reconhecimento da categoria de vida chamada juventude surge no século XX, com implicações sociais e biológicas. Dessa forma, a partir desse século tem-se um espaço demarcado socialmente para aqueles que não são mais crianças, mas ainda não são adultos. E além das questões sociais, os próprios sinais do corpo auxiliam na demarcação desses espaços.

Compreende-se que o termo juventude, que não é fixo e nem tão pouco homogêneo.

Todas as pessoas, independente da cor, do sexo, da nacionalidade, da língua, da religião ou da condição social passam pela puberdade, exceto em casos de patologia. Já a juventude é uma construção cultural historicamente relativa. Nem todas as sociedades a reconhecem do mesmo modo. Para algumas essa fase não tem valor, o indivíduo sai da infância e entra diretamente na vida adulta. Essa saída pode ser acompanhada por um rito de passagem ou não. Podemos dizer então, que existiam e existem jovens sem juventude por questões culturais e sociais. Quer dizer, juventude no sentido de que como a entendemos hoje, ou seja, uma categoria social distinta, separada da infância e da condição adulta. (MACHADO, 2006, p.24)

Nesse sentido, quando se refere aos jovens de Monte Horebe - PB no período em questão, se refere a uma fase da vida do sujeito de mudança e transição entre a adolescência e a fase adulta. Sendo que este é um momento de formação das bases que acompanharão o indivíduo durante o período de vida adulta, que era tido como um tempo de responsabilidades e obrigações. Na vida adulta, surgiam questões como trabalho e casamento de forma acentuada para as pessoas.

A juventude era popularmente conhecida como a flor da idade ou a mocidade. Uma época de frescor. Mas era um período curto e efêmero. Por volta dos 25 anos o rapaz ou a moça que ainda estivessem solteiros já era alvo de preocupações, pois estavam à beira de se tornar “rapaz e moça velha”.

A demarcação de ser jovem ou não em Monte Horebe - PB era mais uma questão social e cultural do que mesmo biológica. Mesmo que o indivíduo tivesse traços de juventude, após o casamento não se tinha mais na conta de jovem e sim de adulto. A delegação de cargos e responsabilidades demarcava mais o ser jovem que as próprias atribuições físicas e corporais.

A sociedade de Monte Horebe - PB nas décadas em questão exercia códigos de moral rígidos, buscando produzir e formatar jovens segundo padrões de ordem e submissão para se conservar um respeito e uma ética pré-determinada. É preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como fase de vida marcada por certa instabilidade (...). (SPOSITO, 1997, p.38)

O controle sob as moças solteiras era significativo, mesmo sendo o espaço das vivências restrito com poucas opções de diversão e sociabilidade. “Forró pé de serra. Era para aonde a gente ia”. (Madalena Pereira de Lima). Os chamados forrós e as festas religiosas eram os principais lugares para onde a juventude saía e se encontravam. “Nós ia festa no Horebe. Eu ia para Rita. Eu ia muito festa no Horebe. As festas de Ano. Eu ia para lá ir mais Salvino, comadre Rosa era solteira aí nós ia pra Horebe”. (TEREZA DE SOUSA)

As distâncias eram grandes, o que tornavam as pessoas mais ainda mergulhadas em suas proximidades. “Namorar longe dava um trabalho danado rapaz”. (JOÃO PEREIRA). Assim pensa João Pereira, um senhor que viveu nos 60 e 70 o auge de sua juventude e dentre tantas namoradas e preteridas, se casou com Antônia uma moça que morava somente a alguns metros de sua casa. Pela facilidade de encontros e por ser possível conhecê-la tão bem, sabendo de seu caráter e integridade namorou e casou com Antônia.

As possibilidades de comunicação eram escassas, os meios de comunicação eram raros e não eram democráticos para todas as pessoas. “Naquele tempo era carta, bilhete”. (JOÃO PEREIRA). Os jovens usavam o recurso da carta para falar com suas paqueras e namoradas, para se desculparem e marcarem encontros.

Mesmo com essas restrições os anos 60 e 70 a juventude dos entrevistados é lembrada com saudade e nostalgia, evidente entre outras coisas, em palavras como “antigamente” e “naquele tempo”.

O uso da expressão “naquele tempo” é recorrente em diversos relatos. Usam não só porque fazem referência a um tempo há muito passado, um acontecimento que se distancia mais de 50 anos do presente. Falam querendo expressar a vivência de um tempo diferente, e um sentimento nostálgico toma conta de suas lembranças e palavras, como se não apenas contassem, mas lembrassem com muita saudade e quisessem ensinar, aconselhar os jovens, nas suas palavras, “de hoje em dia”, como ter uma juventude “melhor” (...) Assim, pensar sobre “aquele tempo”, um momento que vivenciavam suas juventudes, se divertiam, namoravam, condiciona a forma de pensar para a reconstrução da realidade de uma determinada maneira. (RECH, 2008, p.36)

As falas dos entrevistados delineia a vivência de um tempo bom, diferente do tempo atual. As experiências vividas são colocadas em um espaço de zelo e cuidado, por serem únicas e assim não se repetirão.

O passado é rememorado como um tempo de virtude e em suas falas os jovens dos anos 60 e 70, que hoje compõem a velhice, tentam ensinar que a sociedade do presente pode melhorar e precisa aprender muito com o passado. Alguns entrevistados deixam transparecer um sentimento de deslocamento e afirmam não se identificar com a sociedade atual e com as configurações de Monte Horebe - PB atualmente.

Era muita coisa boa, todo mundo gostava... Como era a história, o povo dizia que relembrar o passado é sofrer duas vezes, mas se o caba for pensar nas coisas que já passou na vida, menina né brincadeira não... Quem for da minha idade pra contar as coisas que era de primeiro, tudo que já se passou, o tanto de gente que a gente já conheceu, as coisas boa. Eu num sei se o povo de hoje acha esse tempo bom. (JOAQUINA DE OLIVEIRA)

Joaquina de oliveira pensa e reconstrói uma realidade sobre a Monte Horebe-PB da sua juventude, colocando como “um outro tempo” repleto de coisas boas que

não se encontram mais na sociedade da cidade de hoje. Por essas faltas e ausências para ela relembrar o passado é sofrer, ela não consegue encontrar, hoje, as virtudes que a fazia feliz na sua juventude. Para ela “as coisas boas” passaram.

O relato de Joaquina de oliveira, bem como dos outros entrevistados está perpassado pelas categorias de tempo e memória.

Em uma sociedade que está quase que inteiramente construída por nossos investimentos culturais simbólicos, tempo é uma das categorias básicas através da qual nós construímos nossa experiência. Hoje, o tempo se torna uma questão-chave nos conflitos sociais e na mudança social. A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um dos seus dilemas conflituais básicos. (RECH, 2008, p.06 e 07)

Dessa forma o tempo é o elemento construtor das experiências vividas e através dele se percebe o conflito das mudanças sociais e da travessia da juventude para a velhice. Os entrevistados, por meio do tempo desvelam e representam os conflitos advindos das mudanças.

A memória brota do embate entre a subjetividade do espírito e a exterioridade da matéria, que, por sua vez, se apresenta como obstáculo à emergência dessa lembrança (DE SALLES OLIVEIRA, 2013, p.92). A passagem dos anos, também traz conflitos mentais e culturais para as pessoas. Joaquina de oliveira não legitima as formas de viver e se divertir na cidade de Monte Horebe - PB atualmente.

As música de hoje é que num...dá não, pra mim não. O caba ver cada música nessas coisas (risos) fico doidinha. O povo dança se penera, se balança e eu digo: Meu Deus, o que é que esse povo tão vendo aí... Nam... Antigamente tinha música, tinha letra, tinha tudo, hoje nem tem nada... Só besteira, o povo conversando besteira, num tem nada não. Antigamente era bom demais (...) (JOAQUINA DE OLIVEIRA)

Percebe-se um estranhamento dos entrevistados em relação ao modo de vida da juventude atual de Monte Horebe - PB. Essa aversão é uma questão também cultural, em que os gostos e costumes se diferem e se embatem. Joaquina de oliveira foi jovem nos anos 60 e 70 e se recusa a consumir os bens culturais da sociedade do presente.

Esses movimentos de embate e de conflito social é também questão de memória.

O movimento pelo qual se constrói a memória remete, portanto, a múltiplos caminhos: aos meandros insondáveis da liberdade de um espírito que se defronta com a matéria (memória-sonho), aos quadros sociais que a situam e delimitam (memória-trabalho) e às mediações por que passa ao longo do tempo. (DE SALLES OLIVEIRA, 2013, p.93).

Os entrevistados tiveram liberdade, em suas falas, para construir e reelaborar memórias que expressassem quadros sociais dos anos 60 e 70 da cidade de Monte Horebe - PB. As memórias dos velhos, que já foram jovens, notadamente, carregam um teor de relevância e de riqueza maior que memórias de pessoas mais jovens, uma vez que os velhos viveram experiências múltiplas em um tempo distante.

Elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; Elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis, enfim, sua memória atual pode ser desenhada sob um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p.59)

Os entrevistados, pela sua idade já viveram e trazem referenciais e noções de uma época e de uma sociedade, representações bem determinadas de um tipo de vivência social. Eles possuem uma noção de namoro, família, juventude, festa, diversão, respeito entre outras concepções próprias do seu contexto de vivência, no caso a cidade de Monte Horebe - PB dos anos 60 e 70.

Assim, os entrevistados apresentam e externam suas memórias no tempo presente, mas carregada de referências do tempo atravessado. Isso se dá de maneira mais intensa, do que em pessoas mais jovens uma vez que já decorreu um

tempo considerável em que os acontecimentos e vivências rememoradas se deram. A memória dos velhos de Monte Horebe - PB trazem cores, saudade e significados dos namoros dos anos 60 e 70.

CAPÍTULO II

2. MEMÓRIAS E LEMBRANÇAS: NAS BRUMAS NO PASSADO

2.1- LEMBRAR E ESQUECER: AS TEIAS DA MEMÓRIA

As memórias de namoro de Monte Horebe - PB estão entre a fronteira do lembrar e do esquecer, sendo rememoradas a partir de intencionalidades. Muitos dos sujeitos preferem dizer que não se lembram de muita coisa, que faz tempo e que se esqueceram dos detalhes e dos acontecimentos.

Falar de namoro e expor suas intimidades pessoais parece não ser algo confortável para todas as pessoas. Muitos preferem rememorar de forma superficial e com poucas palavras resumem vivências tão ricas e abrangentes.

O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua própria autobiografia (como é o caso de Frederick Douglass), quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). (PORTELLI, 1996, p.02)

Muitas vezes se convive com respostas insuficientes ou nenhuma resposta. É comum que os entrevistados falem que não se lembram de como também é comum que eles fujam da pergunta feita.

Eu sei lá, se lá me lembro. Os namoros eram diferentes de hoje, era diferente os namoros. Sei lá, eu sei que nós se abraçava, se beijava só. E agora é com mais coisa (risos). Valha meu Jesus do céu. Eram uns namoros simples. Somente... não tem o que dizer não muié. O que? Aonde eu vu arrancar as coisas da cabeça. (JULIANA PESSOA)

Juliana pessoa foi uma das entrevistadas que foi mais evasiva em suas respostas e a que mais afirmava ter esquecido as suas experiências de namoro.

Mesmo em face das lacunas, as entrevistas são ricas em possibilidades de análise e reflexão criativa:

No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e de linear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que *possa* suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada. (PORTELLI, 1996, p.07)

Dessa forma, as possibilidades e as capacidades da História Oral não se referem apenas à quantidade de informações e sua capacidade de reconstruir as experiências em sua concretude e sim no teor de delinear as particularidades imagináveis das experiências.

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que, a todo o momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. Mas esta miríade de diferenças individuais nada mais faz do que lembrar-nos que a sociedade não é uma rede geometricamente uniforme como nos é representada nas necessárias abstrações das ciências sociais, parecendo-se mais com um mosaico, um *patchwork*, em que cada fragmento (cada pessoa) é diferente dos outros, mesmo tendo muitas coisas em comum com eles, buscando tanto a própria semelhança como a própria diferença. É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetivados fatos. (PORTELLI, 1996, p.08-09)

O importante são as significações criadas a partir da fala e não o depósito de informações e fatos, pois de todo modo, é através destas falas que temos a possibilidade de compreender as memórias e o universo do namoro em Monte Horebe-PB nas décadas de 60 e 70. “O relato é a versão “escolhida” entre tantas outras possibilidades, e nisso reside sua importância, já que foi escolhido a partir da

subjetividade do narrador, para expressar aquele momento ou acontecimento”. (RECH, 2008, p.68).

Lidar com entrevistas é lidar com memórias, esta “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. (LE GOFF, 1990, p.366).

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. (LE GOFF, 1990, p.36)

Mas memória não é somente lembranças e recordações. É lacuna e esquecimento e sob ela influem vários elementos do consciente e do inconsciente como, por exemplo, a inibição, a censura e os desejos. “Salienta-se que não se trata de entender as fontes orais como meramente complementares, mas sim de perceber como as mais diversas narrativas constroem histórias”. (SILVA, 2004, p.10).

As memórias dos namoros anos 60 e 70 aparecem de várias formas, perpassadas por suspiros e nostalgias que são provocados por vários elementos a exemplo da música.

Lá no meu pé de serra deixei ficar meu coração, aí que saudade eu tenho eu vou voltar pro meu sertão. Lá se dançava quase toda quinta feira e a sanfona não para parava e tome xote a noite inteira. (Risos). Só isso que eu sei...Tinha outra...As músicas do meu tempo tenho copiada quase tudo. Eu tenho um caderno cheio. (MADALENA PEREIRA DE LIMA)

Madalena Pereira de Lima guarda as suas músicas preferidas, que embalaram suas festas idas e seus namoros copiados em um caderno, como uma forma de evitar o esquecimento daquilo que representa um tempo feliz, que passou.

Ela canta com saudade a música que já foi dançada muitas vezes por ela e que serviu de pano de fundo para seus namoros.

As memórias dos namoros são embaladas por músicas, principalmente as cantadas nos forrós, frequentados pelos jovens naquele momento. As lembranças padecem de saudade e nostalgia entre falas e pensamentos.

2.2- O ESPAÇO DAS EXPERIÊNCIAS

As caracterizações das experiências desses namoros aparecem através dos relatos, uma vez que a “narração expressa o significado da experiência através dos fatos: ‘recordar e contar é interpretar’, os relatos não são informações ‘puras’ do que aconteceu, mas a interpretação que a pessoa tem do ocorrido”. (...). (RECH, 2008, p.68)

O namoro nos anos 60 e 70 em Monte Horebe - PB não era um aspecto ou um âmbito isolado, mas mantinha relação com outros elementos como a família e a sociedade em geral.

A família era um elemento bastante representativo, pois influía em medidas distintas nos namoros. “A família não queria e namorava. Aqui mesmo eu namorei muitas vezes escondido, saia pras casas”. (JOAQUINA DE OLIVEIRA). Joaquina de Oliveira conta dos seus diversos namoros escondidos e proibidos, os quais a família não aprovava o namoro e mesmo diante das reprovações ela se encontrava as escondidas com os rapazes.

Por questões de desavenças entre famílias ou até mesmo por reprovação da postura pessoal do rapaz, a família das moças proibia os namoros. Isso significava que moças como Joaquina de Oliveira não podiam namorar em sua casa, quando a relação não tinha o consentimento dos pais. Quando isso acontecia os encontros se davam em casas de amigos e vizinhos longe dos olhares dos pais.

Rapazes que não trabalhavam que frequentavam excessivamente a vida noturna e que tinha fama de mulherengos normalmente não eram vistos com bons olhos pelos pais das moças, estes perfis não eram o desejado para as suas filhas.

Nesse sentido percebe-se que havia lugares e expectativas culturalmente criados para os homens e para as mulheres. “Os ideais que determinam relações entre os gêneros, o desempenho de posturas consideradas femininas ou

masculinas, em grande parte são aprendidas e adquiridas com a vivência familiar” (...). (RECH, 2008, p.52).

Desta forma, podemos perceber que as relações de gênero instituídas nesse momento são determinantes para se pensar os namoros. Assim, entendemos o uso do conceito de gênero para pensar como as relações entre homens e mulheres são pensadas não pela questão biológica, mas principalmente cultural:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 2016, p.14)

Nessa perspectiva pode-se pensar que nos anos 60 e 70 em Monte Horebe – PB haviam construções sociais e culturais que identificavam o que era ser moça e rapaz, conseqüentemente o que é ser homem e mulher, tendo assim determinados seus lugares e suas funções.

Percebe-se que, se as moças eram construídas normalizadas para o exercício de funções específicas, para os moços não devesse ser diferente. Na construção dos gêneros, deles exigia-se, para além de determinadas condutas consuetudinárias, o alcance de um futuro promissor e provedor. Sendo o gênero um produto social e culturalmente transmitido, deve ser entendido como relação, não sendo possível, portanto, diminuir um ou outro, uma vez que homens e mulheres são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles pode ser alcançada por um estudo separado. (FAVERI, 1996, p.78-79)

Os rapazes podiam frequentar muitas festas, ter muitas namoradas e até de forma simultânea, mas quando era uma mulher que participava de várias festas e tinham muitos namorados era taxada de pervertida e errada. Quanto à sexualidade do homem não havia restrições, mas para a mulher sim, havia muitas e rigorosas.

Dada a importância da atividade sexual na construção da identidade masculina e, simultaneamente, da manutenção da virgindade feminina para a honra familiar, delineiam-se mecanismos que limitam a sexualidade feminina legítima ao casamento e fomenta-se a

dominação masculina. Basta lembrar o ditado popular: “segurem suas cabritas, pois meus bodes estão soltos”. Assim, o mesmo movimento que impulsiona o amor para o âmbito do casamento reforça a dupla moral sexual, pois se espera que as moças casadoras mantenham-se puras e castas; quanto aos rapazes, as aventuras sexuais são consideradas parte do processo de aprendizagem da masculinidade hegemônica. (CARDOSO, 2007, p.88)

A prática da atividade sexual e sua respectiva liberdade é um elemento associada a questão de gênero, uma vez que ela está posta de forma diferente para os homens e para a mulheres e essa realidade ajuda a demarcar o espaço masculino e feminino. Como a mulher era preparada para o casamento, sua atividade sexual era reservada para o casamento, já o homem podia praticá-la como forma de aperfeiçoamento de sua masculinidade.

Entre as famílias de Monte Horebe - PB, nesse período havia muitas concepções de conduta, de moral e códigos de postura que era esperado tanto para as moças quanto para os rapazes. “Ser direito” implicava ser casto e puro, nunca ter sido foco dos falatórios da sociedade. “Honra, boa conduta, pureza, refinamento, eram exigidos das moças e senhoras “distintas”, pois o comportamento é que lhes dava respeitabilidade”. (FAVERI, 1996, p.47)

Hoje eu vejo as moças de respeito fazer mais coisas, pior do que elas fazia...Mas aquelas que era falada como ali no Vitor, que ali no Vitor só Duca de Mané paizano que foi criado na casa de Mané Paizano, ninguém nunca ouvir falar nada de Duca não...Comadre Nuzinha também não, mas comadre Joinha, Maria prazinho desde nova, Severina, Dezinha era um monte que tinha aí, Bia de Ponta, Graçinha era tudo um bucado de depravada, ta pensando que elas ia festa onde tivesse uma festa, um forró elas ia dançar com as outras moças, ninguém deixava entrar não, se entrasse porque os donos da festa botava...Hoje quem diabo sabe quem é moça, quem é solteira, quem tem respeito, que não tem...Homi...Pelo amor de Deus, é bagaceira. As moças tudo junta, não é mais como antigamente... (JOAQUINA DE OLIVEIRA)

Na fala de Joaquina de oliveira percebe-se que havia uma distinção entre as moças, a sociedade de Monte Horebe-PB não só classificava como sabia quem era “moça direita” e quem não era, dentro do âmbito do namoro. Tinha as moças faladas

e as não faladas, no caso as que não tinham boa reputação e quem tinha boa reputação respectivamente.

Socialmente se tinham uma ideia de “moças direitas” e “moças erradas”.

As mulheres direitas são aquelas encaminhadas a vivenciar o casamento e a maternidade, são aquelas sexualmente controladas, cuja sexualidade limita-se ao universo conjugal, são aquelas que devem ser virgens, se solteiras; fiéis aos maridos, se casadas. (CARDOSO, 2007, p.88)

Mulheres ditas direitas eram conhecidas pela virtude do recato e da castidade, no sentido de terem uma sexualidade controlada e reservada para o casamento e para a maternidade. O desejo sexual não poderia ser realizado fora desse lugar, a traição ou ter vários parceiros era algo severamente julgado.

As moças que dançavam com todos os rapazes, sem seletividade e que estavam presente em todas as festas e não eram castas eram conhecidas como depravadas ou erradas. Para com as chamadas faladas e depravadas tinham-se todo um receio e um estranhamento, um preconceito que partia inclusive entre as moças. Evitava-se dançar e conviver nas festas com as moças faladas.

As moças que traíam seus namorados eram vistas com maus olhos.

Aí tinha Zefa de Antônio..namorava com um monte perto da casa daqui, botava chifre com Maria de Juarez e o povo sabia que ela namorava e num acreditava, mas não na frente dos outros e o povo não aceitava não ficar fazendo isso.Queria de jeito nenhum e hoje o povo não dar jeito.É antigamente era diferente de hoje minha filha, êi êi...Quem é que espera o povo fazer mais essas coisas namorar, beijar, fazer tudo no mundo...Meu pai, minha mãe ninguém é mais como era...O caba tem que se acostumar de ver, eu num me acostumo não.(JOAQUINA DE OLIVEIRA)

Trair era desvio de moral e sinônimo de perversão. Era como uma espécie de crime que fere toda a sociedade. Joaquina de Oliveira fala que as pessoas não queriam presenciar namoro em público, no caso de traição.

Joaquina de oliveira afirma que ninguém beijava e namorava em público, esses atos eram vistos como desrespeito a sociedade. Além disso, essa era uma

conduta de perversão, já que namorar e beijar em público devia ser evitado, como uma forma de honestidade.

Em sua fala, a entrevistada ainda demonstra que não se identifica com os comportamentos de namoro atuais em Monte Horebe - PB. Piscitelli (2005, p.159), em sua pesquisa também problematiza a questão da não identificação com o tempo atual. Para a autora,

No material fornecido pelas tradições orais, as narrativas articuladas em torno das “histórias de amor” manifestam um jogo particular com a temporalidade. As histórias falam de tempos extraordinários; tempos densos dotados de um significado particular para os grupos de parentesco. Marcos que, embora datados cronologicamente, contêm um plus temporal. (PISCITELLI, 2005, p.159)

Para Joaquina de Oliveira os anos 60 e 70 foram tempos extraordinários, nos quais aconteceram experiências valorosas, um tempo em que o respeito era mútuo entre as pessoas na sociedade e que as moças namoravam de forma discreta e aos outros cabia uma espécie de fiscalização para que casos de desrespeito não ocorressem.

Antigamente o povo também fazia coisa errada, mas era difícil; Negócio de ter um filho sem casar, hoje né nem novidade, tem os avós para criar; (Risos). Antigamente todo mundo tinha medo porque não tinha dinheiro de nada, meu Deus do céu, pra ninguém criar menino. (JOAQUINA DE OLIVEIRA)

Os desvios eram chamados de coisas erradas e compreendia entre outras coisas, ter filhos sem se casar, trair no namoro e/ou no casamento, namorar escondido e manter relações sexuais no namoro, o que era permitido apenas após o casamento. No entanto, mesmo diante da idealização daquele período a entrevistada coloca que as pessoas também cometiam coisas erradas, mas não como hoje.

Muitas pesquisas, compreendendo as décadas de 1950 a 1970, apontam os inúmeros casos em que homens e mulheres se relacionaram amorosamente, mas fora do discurso moral da época. Muitas dessas pesquisas tiveram como fonte documental processos-crime que enfatizavam as relações sexuais fora do

casamento, a sedução e outras práticas consideradas como crimes. Logo, não se trata apenas de afirmar que naquele contexto as pessoas seguiam mais as regras e os valores morais de seu tempo, mas os entrevistados afirmam que aqueles valores eram melhores e mais eficazes do que os atuais.

Nas palavras de Joaquina de Oliveira se percebe uma exaltação aos anos 60 e 70 e uma crítica às relações amorosas e as experiências do tempo atual. Considerando que para esta o tempo atual não possui virtudes e encantamentos como os anos 60 e 70.

Nos lugares de sociabilidade e encontro, se observava e se exigia uma postura de máximo recato das moças.

Não tinha isso não, botava pra fora. Tinha que ter respeito, se quisesse bagunçar era lá fora... Num ficava na festa não...Aqui mesmo botamos um bucado pra fora, aqui nem um grupo ficava não, de jeito nenhum ninguém aceitava bagunça...De jeito nenhum, mas hoje... Pelo amor de Deus, o povo num está nem aí e tem uma coisa a gente tem que se conformar, quem tiver uma filha, quem tiver uma irmã, quem tiver uma sobrinha, está nem aí...O caba num pode fazer nada, de jeito nenhum. (JOAQUINA)

Durante as festas, os forrós no caso, o comportamento dessas moças ditas faladas e depravadas eram tomados como bagunça. Dançar com vários rapazes e beijar em público eram critérios para que estas moças fossem convidadas a se retirarem das festas, pelo promovedor do forró, para que essas posturas não fossem pejorativas para o restante das moças ditas direitas. Faveri (1996, p.39) ao falar desses espaços privados para as diversões coloca que os jovens também poderiam utilizar dele para legitimarem que suas condutas eram as melhores e assim “capitalizariam oportunidades ao mesmo tempo em que se transformariam em “bons partidos”, podendo aí fazer, com mais facilidade suas escolhas para enlances matrimoniais”.

Nessa perspectiva os forrós eram lugares inventados, onde os namoros floresciam. Na fala de Joaquina de oliveira se percebe a preocupação, que se tinha, em relação ao público frequentador dessas festas. As moças desejavam que o lugar não fosse frequentado por mulheres de moral duvidosa, essa preocupação revela entre outras coisas o cuidado em criar oportunidades para que o forró fosse um espaço de respeito e que oferecesse chances para se iniciar namoros.

Num tinha história de beijo não mulher, ninguém beijava não...Eu arrumei um intrigado porque ele era enxerido, todo mundo chamava ele de enxerido, era afamado de caba enxerido, aí cheguei lá e comecei a dançar mais ele lá no pavilhão, lá tinha muita gente no pavilhão, aí tinha muita gente dançando, aí ele pegou assim puxando e beijou na minha testa...eu só fui me abaixar e tirar o sapato, dá na cara dele, você tá doido...eu digo, doido não seu irresponsável, enxerido sem vergonha...aí eu disse você tem é que me respeitar, aí ele disse que tinha se apaixonado, aí eu disse: nam você beijou porque é um caba safado, enxerido, eu disse...o caba vem dançar vem com enxerimento ...se eu dançasse e conhecesse que o caba tava me arroxando eu soltava e mandava arroxar o cão, não eu...Derrubei outro dentro de uma gruta, bêbado e veio me puxar, nós vinha do Horebe e vai me puxar e beijar... (JOAQUINA DE OLIVEIRA)

Joaquina de oliveira fala revestida de orgulho e de pudor que em seu tempo não se beijava e as moças ditas direitas repeliam qualquer tentativa de abuso e insinuações, principalmente no momento da dança. Um momento oportuno para se iniciar relacionamentos e que se dava um contato maior entre as moças e os rapazes. Ela narra um episódio, no qual ficou injuriada ao receber um beijo na testa do seu parceiro de dança. O ato foi tomado como aproveitamento e abuso e em um acesso de raiva ela atirou outro rapaz em uma espécie de buraco que havia no solo, da estrada próxima ao local do forró.

Percebemos que a dança era muito presente na vida desses jovens era apropriada para esses momentos de “aproveitamento” e de um maior contato entre os jovens paqueras e namorados, por isso existia um cuidado em relação a dança.

Os forrós eram também pontos de encontro para os que já namoravam.

Uma vez ele foi no forró, ali em Pedro Bezerra seu avô ali onde Zé de Clarino mora. Aí passou lá eu tava lá em Mãezinha aí vamos, eu não tia não deixa não. Ele foi. Aí nesse dia foi ruim. Nesse dia eu chorei a noite todinha no pé do ouvido de tia e mãezinha que era a mãe de Chico dizendo: Mas Zulmira porque tu não deixa Nena ir. Gente novo. Ela sabe que o namorado vai. Vai não que Anália tá doente da garganta, tua acha (risos). Eu disse: tá bom velha mas tu me paga. Passei a noite todinha chorando no ouvido dela. Cala a boca Nena, cala essa boca e eu não. Eu chorei até que eu peguei no sono não sei que hora...E ouvindo a sanfona, o povo tudo conversando que é pertinho né. É eu dormia aí na casa que vocês mora hoje. Pois foi passei por essa. (VICENTINA)

Vicentina lembra com risos uma noite que para ela foi extremamente difícil, quando ela foi convidada pelo seu namorado para ir a um forró e sua tia não consentiu, pois não era típico os namorados irem sozinhos para festas e a tia de Vicentina não podia acompanhá-los até o forro, por ela também ser solteira.

Para jovens como Vicentina a situação era mais complicada no que se refere a sair para os forrós com seu namorado, pois ela não tinha pai e nem mãe. A figura do pai e dos irmãos era muito presente e importante para a época, pois eles zelavam pela honra das mulheres de sua família. Essa realidade evidencia como o patriarcalismo era característica forte. (...) “o patriarcalismo representa questões de uma sociedade pautada em conceitos morais rígidos, comandados pela figura masculina do pai (...)”. (SANTANA, 2016, p.93)

Vicentina criada por uma tia que também era solteira. Tinha apenas um irmão que era casado, o que dificultava encontrar companhias que lhe acompanhassem aos forrós.

Não só ia se Madinha fosse. A minha companheira era madinha como diz a história. Era da confiança de tia nera. Ah se Maria for, Maria nova chamava, aí você vai mas senão... Nem me peça. Aí pronto eu já ficava ali. Aí madinha sempre ia nera. Ela sempre ia mas eu. Eu me lembro que uma vez nós fomos um forró. Não tem a placa acolá que a gente vai para Bonito aí tem uma entrada assim que eu não sei como é o nome do lugar, não to bem lembrada não. Eu sei que a gente foi um forró lá. Madinha, Chico...uma turma. Aí eu fui sem ele saber. Aí quando eu cheguei lá tava tudo dançando mais um irmão de Padim Severino chamado Gilvando. Aí quando eu olhei assim para o cantinho ele ia mas outro colega. Foram baixar lá sem nem saber que eu ia. Aí não prestou não. (VICENTINA)

A companhia de Vicentina era sua madrinha, que pelas circunstâncias cumpria o papel de tutela uma espécie de mãe. Já que normalmente eram as mães que iam para o forró com suas filhas. A necessidade de andar acompanhado revela uma construção, ou seja,

Deve-se observar no comportamento das moças honestas a fabricação da mãe ideal, da mulher dona de casa, esposa fiel e submissa. Ao se sujeitar a essa conduta, as „mulheres honestas“ eram fabricadas pela sociedade e, portanto, não naturais, mas sociais. (SILVA, 2011, p.06)

Nesse sentido a vigilância para com as moças e a imposição de andar sempre acompanhadas, denota uma atividade de construção. A companhia não só zelava pela honra da moça, mas também moldava o tipo de mulher que se queria formar: a moça recatada que futuramente seria a dona de casa e mãe de família.

Essas festas eram palcos importantes dos desdobramentos dos namoros, Vicentina narra um dos forrós no qual ela foi sem comunicar antes ao seu namorado. Ela conta do vexame passado, quando ele chega ao mesmo forró para sua surpresa.

Assim as experiências eram múltiplas e através da memória e da História Oral se tem acesso a alguns dos pontos dessa realidade, que nos chega através desses indivíduos que são construídos por subjetividades e marcados ao menos por duas temporalidades distintas.

CAPÍTULO III

3. RELAÇÕES AMOROSAS: ENTRE DIZERES E VIVERES

3.1- SER NAMORADOS EM MONTE HOREBE

A maioria dos entrevistados fala dos seus namoros e namorados com timidez, que se revela no modo de falar e nos gestos. Enfatizam sempre que o namoro do seu tempo, no caso década de 60 e 70, era baseado na pureza e no respeito.

Quase não se associam namoro a desejo e a paixão. Estão sempre próximos à fronteira da amizade. Os relacionamentos se iniciavam nos forrós, festas tradicionais recorrentes na cidade de Monte Horebe naquele momento. “Se a pessoa fosse para um forró e o cabra dançasse, de três parte pra lá, encarriada, aí o caba já estava vendo que era namoro, porque se num fosse”... (JOAQUINA DE OLIVEIRA).

Joaquina de oliveira conta que cada música tocada e dançada se chamava “parte”, mais de três partes com o mesmo rapaz a moça já considerava um maior envolvimento, mais que paquera era um princípio de namoro. A dança fazia parte dos códigos de namoro, que incluía a paquera, o chamado flerte, a troca de olhares, os recadinhos e bilhetes.

Além disso, esse espaço também era oportunidade para que os namorados e paqueras ficassem mais à vontade, sem tanta vigilância do pai, da mãe e dos irmãos. Quando ia para as festas, os forrós aí ficava à vontade à noite toda, dançando. Era mais acanhado naquele tempo. (MARIANA PEDROSA)

Os forrós eram momentos de encontro e oportunidade para que os casais se conhecessem.

É irmão de Tó. Aí ele foi mais ele aí chegou lá era para França falar namoro a mim e ele falar a Deda. Aí falaram. Aí França veio falou: Vamos namorar comigo? Eu disse: Não. Aí veio Misael. Quer namorar comigo? Sim (risos). Aí tiramos a noite dançando lá, não teve beijinho não porque foi só o começo. Aí com oito dias tinha um forró em Demar. Aí veio os amigos dele tudin. Vai quebrar a cara, Zulmira não vai deixar ela vim. Aí eu fiz lá meus cambalachos e tia deixou (risos). Aí vinhemos para aí e começou mesmo namoro de verdade. Roubou um beijinho (risos) daí que nem diz a história, começou tudo de verdade e até hoje os quarenta e sete anos que o namoro ainda ta quente de pé. (VICENTINA)

Os namorados dançavam toda uma noite, como conta Vicentina era uma oportunidade de ficarem mais próximos fisicamente um do outro. Além disso, era uma oportunidade de conversar mais. O irmão de Tó era outro rapaz que estava interessado nela, mandando França falar com ela sobre a possibilidade deles namorarem, no entanto ela nega. O pedido de namoro geralmente era antecedido pela paquera, que envolvia conhecer, trocar olhares e estabelecer uma aproximação entre os dois.

O beijo era uma espécie de tabu. Segundo a narração de Vicentina, no dia que seu namoro com Misael começou não houve beijo entre eles. Era apenas o início do namoro, que não era marcado por contato físico e sim por uma espécie de consenso e consentimento.

Os namoros do outro tempo era diferente de hoje, não tinha ninguém santo...um beijinho era no escondido, respeitava mais os mais velhos as crianças e era assim hoje não, hoje ta assim na vista de todo mundo, não respeita mais os mais velhos, mas é assim mesmo né. As coisas é diferente. (MARIANA PEDROSA)

Mariana pedrosa relata que o beijo era escondido e uso o termo no diminutivo: beijinho, para enfatizar que era algo sem grandes proporções e sem desejo. O beijo em público ou na presença dos chamados mais velhos e das crianças era sinônimo de desrespeito e degeneração.

O que dava a relação o estatuto, por assim dizer, de namoro era o fato de o rapaz frequentar a casa da moça. Isso significava interesse, boas intenções e compromisso com a moça e com a família inteira.

(...) quando ele vinha pra aqui, ele vinha no sábado, vinha era de pé, nesse tempo num tinha bicicleta, moto, vinha de pé da Rita(...) (Tereza de Sousa). E eu ia pra lá era de quinze em quinze dia, ele vinha praqui ai quando era com quinze dia eu ia, arrumava companheira ai ia, voltava no domingo de tarde, mas Ciço voltava era no domingo de manhã, Bibi era de tarde... (TEREZA DE SOUSA)

Tereza de sousa narra a rotina de visitas que ocorria entre ela e o seu namorado. As visitas do rapaz a casa de sua namorada aconteciam aos sábados, era dificultosa as visitas em um momento que os meios de transporte eram

escassos. Tereza visitava a casa do seu namorado a cada quinze dias, mas não ia sozinha, ia acompanhada com outra pessoa para garantir que a visita seria respeitosa e sem excessos.

O rapaz que namorava e frequentava a casa de sua namorada além de assumir compromisso com ela, firmava também com o pai, a mãe e os irmãos. Achava-se assim, que com essa demonstração de compromisso seria mais difícil que o rapaz cometesse desrespeitos com a moça, como por exemplo, traição ou abandono.

Nas visitas a casa, os namorados ficavam tímidos e envergonhados. “Logo que chegava era um povo vergonhoso tanto eu como eles eram tudo. Aí ficava por ali. Quando tinha uma fuginha a gente encostava, conversava (risos)”. (MARIANA PEDROSA)

A visita do rapaz era alvo de fiscalização e cuidados rígidos.

Se o povo vesse naquele tempo já dizia que a gente era qualquer coisa sem ser né... eu lembro desse daí foi escondido esse daí de Demar, era o pai dele que fazia o forró. Aí depois foi liberando mais, mas Chico era ciumento de mim. Tá pensando eu não podia nem ficar assim sentado numa cadeira e o menino ficava por trás da cadeira e ele dizia: menino sem vergonha, vou já dizer a tia. Vá. Eu não to fazendo nada de mais. (VICENTINA)

Os namorados não ficavam a sós, tinha sempre algum membro da família próximo, como forma de garantir que o namoro fosse respeitoso e que a honra e a pureza da moça fossem resguardadas.

O contato entre os namorados e suas intimidades é lembrado com apenas beijos no rosto e abraços. Não havia conhecimento e proximidade com o corpo entre os namorados.

A cidade de Monte Horebe era pequena, muitas das vezes os namorados eram vizinhos ou moram em sítios próximos. A comunicação se dava através de bilhetes ou até mesmo cartas, quando o rapaz viajava para outro Estado como São Paulo, para trabalhar.

E com o coração cheio de saudade, que consigo pegar neste lápis para escrevê-la mais uma vez. Você que hoje numa longa distância

vivemos separados, mas com tudo isso te amo cada vez mais....(MARTA PEREIRA)

Esse era o caso Marta pereira da silva e Marcos Augusto filho que enfrentam a distância e se valeram das cartas como meio de comunicação. O conteúdo da carta revela a saudade e agonia que o casal enfrenta por viverem atravessados e separados pela distância.

Através destas, estes casais se mantinham informados das questões e problemas que surgiam na vida pessoal de ambos e que refletia no relacionamento deles como as possibilidades de ficarem juntos e da qualidade de vida que cada um levava e principalmente do trabalho, que era uma realidade que afetava o futuro do casal. No entanto, os casais conviviam com a morosidade do tempo de entrega e recebimento das cartas, isso afetava a resolução das questões que os casais tratavam na carta.

Marta Pereira da Silva narra na carta, que já não aguenta mais trabalhar na roça mediante os pedidos de seu pai e se eles casassem essa situação mudaria.

Sim o meu maior medo de está aqui é porque pai quer que a gente trabalhe na roça limpando mato adoidado e este serviço não dar pra mim de maneira alguma eu já não falo em apanhar feijão e fava mais limpar mato não dar! (MARTA PEREIRA)

Ela questiona o porquê de Marcos Augusto filho não permitir que ela vá ao encontro e morar com ele. De certa forma, ela faz pedidos para que seu namorado formalize e case com ela: “Não tem nem para aonde a gente sair de casa e cada vez ficando pior...”

Apesar da distância e das dificuldades, ela consegue viajar ao encontro dele e se casarem, graças às cartas a comunicação não foi perdida e eles conseguiram conciliar à distância.

Mas não se tratam somente de problemas e das dificuldades que cercam o relacionamento, também enfatizam questões de sua intimidade. Nas cartas fica clara a proximidade do casal, por exemplo, quando Marta pereira da silva destaca a saudade que ela sente e da ausência dos toques de Marcos Augusto filho em seu corpo.

As cartas falavam de saudade, quando os namorados estavam distantes. Algumas cartas eram carregadas de intimidades, falando-se em beijos, abraços e carícias.

Se angústia matasse eu já teria morrido de tanta saudade que sinto meu amor (...) amor o que mais me faz falta é aquelas mãozinhas que eu tanto pegava e passava pelo meu corpo.
(MARTA PEREIRA)

Era um momento de extrema exposição de sentimentos entre os casais, era uma forma de comunicação que pelo teor das falas se percebe o gozo de uma privacidade, onde os namorados expunham seus sentimentos, receios e desejos.

Esse recurso não era usado somente entre os casais que estavam distantes, entre casais que moravam em sítios vizinhos também eram usadas cartas. Para esclarecer mal entendidos entre os casais e marcarem encontro. Como é o caso de Paulo de Sousa.

Paulo de Sousa escreve para sua namorada, afirmando seu amor e demonstrando sua preocupação para com ela e para com o namoro dos dois. Ele expõe a necessidade de um encontro dos dois, para esclarecer qualquer dúvida que haja quanto à verdade dos seus sentimentos.

O primeiro namorado é lembrado com certo carinho, mas é um acontecimento longínquo e para muitos quase que esquecido.

O primeiro namorado meu minha fia ta, sei nem se ele morreu. Era Assis, que morava na Rita. Assis de Albino...Sei lá, de Zé Pereira, Antônio Pereira, sei lá. Se lembro mas não. Eu tinha o retrato dele aqui mas não sei cadê. Foi o primeiro namorado meu quando eu namorei. Depois dele foi Ciço. Depois de Ciço foi os namorados de pouco tempo, um mês, dois meses e pronto. Mas o primeiro foi esse aí que eu to dizendo. Muié isso faz muito tempo. Eu era bem novinha...Mocinha nova. Eu não lembro mais não minha fia.
(TEREZA DE SOUSA)

Como relata Tereza de Sousa, o primeiro namoro se dava ainda na adolescência, quando se era muito nova. Não é o caso desta, mas muitas moças casavam com seu primeiro namorado que seria o único homem de uma vida toda.

3.2- RITOS: DO NAMORO AO CASAMENTO

O tempo de namoro era pequeno, raramente ultrapassava quatro anos. A rotina do casal era simples e se baseava em visitas na casa da namorada.

Ann, aí para nós se encontrar ele ia no domingo passava o domingo voltava na segunda. Quando era na quinta feira ele ia de novo no meio da semana lá para ti Zuca, eu nunca levei ele na minha casa porque tia não tinha marido NE, ela era solteira nesse tempo. Aí eu sempre ficava lá em Ti Zuca. Devo muito favor a ele Floriza e devia a ele também né. A gente se encontrava, dançava e era aquele negócio como diz o povo. Passemos um ano e seis meses namorando aí casamos. (VICENTINA)

Vicentina conta que após um ano e seis meses ocorreu o seu casamento, narra a rotina dos encontros e visitas entre ela e seu namorado e destaca a dificuldade destas visitas já que não podia levar seu namorado na própria casa, uma vez que ela morava com sua tia que era solteira, no entanto era mais velha que ela, e isso lhe conferia uma posição de autoridade e respeito, porque se partia do pressuposto de que pela tia ser mais velha, conhecia mais da vida e tinha mais responsabilidade e maturidade. Esse fato dificultava as visitas, pois se partia da ideia que casa que não tivesse uma figura masculina não era segura o suficiente para acontecer namoros.

Os rapazes eram considerados bons partidos e bem intencionados quando namoravam e trabalhavam para conseguir recursos para casar. Quando o namoro chegava ao fim, havia quem atribuísse o fim ao fato de que o rapaz nunca trabalhou para construir casa e finalmente casar. Mesmo que não fosse justificativa, mas costumeiramente se lembrava da postura do rapaz de não trabalhar para o futuro do casal, quando o namoro chegava ao fim.

“Namorei quase três anos, mas ele nunca fazia com quer casar, nunca tinha nada, porque o que ele tinha era a casa que o vei Miguel deu a ele”. (JOAQUINA DE OLIVEIRA). Assim fala Joaquina de oliveira sobre o seu namoro mais longo, que chegou ao fim e que na sua visão não veio a ser um casamento por culpa da postura do seu namorado que não se esforçava para progredir em recursos financeiros para casar.

Namorava-se cedo e casava-se cedo e rápido.

Eita...comecei a namorar com uns onze anos. (Risos). Mas namoro besta num sabe. Só ficar como diz hoje. Ficava ali e pronto nós ia para a festa. Se eu fosse para um forró lá ficava com aquele rapaz. Dançava se ele falasse em ir lá em casa eu já dizia nem vá, não vá não. Já não queria nem mais saber.(Risos). Eu não sei como esse derradeiro eu consegui ficar com ele até casar (Risos). Eu nunca me interessei assim a namorar e querer logo. Era diferente demais. (MADALENA PEREIRA DE LIMA)

Os namoros que não se tornavam compromisso e nem tão pouco resultava em casamento era tidos como namoricos bestas, como se percebe na narração de Madalena pereira de lima. Geralmente ocorriam nos forrós e não progrediam, não passavam de uma dança mais íntima. Não evoluía para visitas em casa, por isso não era considerado um namoro propriamente dito.

Entre os namorados e noivos era comum trocarem fotos, como presente e enquanto demonstração de carinho e afeto. A foto era uma forma de um lembrar sempre do outro e uma maneira da presença de um ser constante na vida do outro.

Essa primeira foto é de Madalena pereira de lima, que eterniza o dia do seu casamento e como sinal de consideração e amizade para com Tereza de sousa lhe dar de presente.



Foto que Tereza de Sousa guardava como lembrança do casamento de sua amiga Madalena Pereira de Lima. Fonte: acervo pessoal de Tereza de Sousa.

Dedicatória:

Cicero e Madalena

É dois coração que se amão para a eternidade não existe consideração maior entre nois dois. Vamos salvar este dia 7-1-1970.

As fotos vinham acompanhadas de dedicatórias, que falavam palavras de amor. Cicero e Madalena, jovens que namoraram nos anos 60 e 70 em Monte Horebe-PB, trocaram uma foto com uma dedicatória que falava do amor que existia entre eles, um sentimento baseado na consideração. Nas palavras se percebe o desejo dos namorados de ser um só, dois corações que se uniam para ser um só ser.

A próxima foto pertence à Mariana pedrosa, ela guarda esta foto, que foi de uma das namoradas do seu esposo que havia lhe dado como forma de presente, no tempo do namoro. E a seguinte pertence a João pereira, que mesmo casado com Antônia nunca se desfez da foto, pois esta não representa hoje o sentimento de amor por uma antiga namorada e sim um sinal de consideração por alguém que já fez parte de sua vida.



Foto que Mariana Pedrosa guardava de seu falecido esposo, que havia sido dada por uma namorada. Fonte: Acervo pessoal de Mariana Pedrosa.

Dedicatória:

Chico e's ai uma lembrança para quando esquecer os olhos lembrar da sua sempre que muito lhe presa e lhe ama que é lolanda pereira

Salve esta data

Data

28-05-61.

Pires.



Foto que João Pereira ganhou de sua namorada Zefinha Souza. Fonte: Acervo pessoal de João Pereira.

Dedicatória:

Ofereço esta fotografia ao meu sempre queridinho João como prova de amor

Zefinha Souza

As duas últimas foi o namorado de Tereza de souza, que lhe deu como forma de recordação e afeto.



Foto que Tereza de souza guardava de seu namorado Cicero Felipe. Fonte: acervo pessoal de Tereza de souza.

Dedicatória:

Ofereço-te esta fotografia a quem mais eu amo na vida, que é meu bem Tereza de souza.

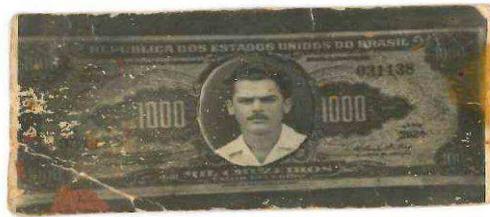


Foto que Tereza de Sousa guardava de seu namorado Cicero Felipe. Fonte: acervo pessoal de Tereza de Sousa.

Dedicatória:

Ofereço-te esta fotografia sempre como prova que te amo sinceramente que é Cicero.

A foto representava também uma lembrança afetiva como é o caso de João Pereira e Mariana Pedrosa, que guarda para o marido a foto que ele ganhou de uma das suas namoradas, que perduraria por muito tempo, uma das fotos acima dedicada a Chico seu namorado, a moça fala que esta foto é uma lembrança para que assim ele lembrasse para sempre dela e do amor deles dois.

Somados a isso, tinha o fato da foto ser rara e escassa, isso a tornava ainda mais importante e significativa. Não era sempre que se tinha a oportunidade de fazer fotos, ou melhor, de tirar uma foto como se chamava, só havia fotógrafos em algumas festas de Igreja ou em momentos como casamento e batizado, quando o pai de família contratava os serviços de um fotógrafo.

Logo, ao dedicar uma foto ao amado ou a amada reforçava com esse ato o sentimento nutrido pelo outro, como algo sério. Mas, não bastava oferecer fotos para que o casamento fosse uma possibilidade. Normalmente o apoio familiar era muito importante na transição do namoro para o casamento.

Ah no começo não. Porque ele sempre foi mulherengo né aí quando a família soube e já caíram foram (Risos). Aí depois viram que não ia empatar né aí mãe mesmo falou é melhor fazer logo esse casamento de que ela fugir. Quer dizer de primeiro tinha o fugido. Minha mãe mesmo casou fugida. Aí ela foi logo dizendo antes dela fazer o que eu fiz, mas meu papai saiu de casa no dia do casamento porque não queria. Depois que eu cheguei da Igreja aí foram buscar ele e ele veio, mas por ele não tinha nem vindo, não queria saber só que aí

depois todo mundo ficou com ele assim. Gostava mais dele que de mim (risos). (MADALENA PEREIRA DE LIMA)

Madalena pereira de lima narra que teve problemas com seu namorado, com o qual se casou, pelo fato de que seu pai e sua mãe não aprovavam a relação pela fama que seu namorado tinha de mulherengo. Para convencer a mãe, Madalena pereira de lima usou o argumento da fuga. Caso seus pais não consentissem o casamento, ela fugiria da mesma forma que sua mãe que também teve problemas com a família em seu namoro e casou mediante a fuga de casa. Ela usa de uma estratégia para que o casamento aconteça, a fuga era temida pela família, uma vez que podia afetar a honra da moça e por em risco a virgindade desta. Além disso, a fuga poderia ser uma alternativa para o casamento, pois o casal poderia passar a viver juntos longe do olhar dos pais.

Aconteciam muitos namoros proibidos, para namorarem os jovens precisavam burlar a vigilância dos pais e da família para se encontrarem às escondidas.

Fazia trato para ir para uma casa, é... da vizinhança ou nos forrós se encontrava, que mamãe e papai não tava, a gente aproveitava. Mas também não durou muito não. Eu vi que não tinha muito futuro eu terminei. Mas os outros eles gostavam era tudo do gosto deles. Esse último vixi era demais (risos). (MARIANA PEDROSA)

Mariana pedrosa conta que teve um namoro proibido pela família. Os encontros aconteciam nas casas dos vizinhos e também nos forrós. Ela fala de forma superficial do acontecimento, de uma forma a tomar como errado aquilo que ela fez e enfatiza que só foi apenas um namoro às escondidas, todos os outros foram com a simpatia dos pais. Ela destaca que o namoro proibido foi curto e não evoluiu para algo mais sério e nem para nenhum compromisso, ela mesma identificou que não tinha motivos para levar adiante.

Normalmente se namorava, noivava e por fim se casava, como uma espécie de ritual. Por meio deste ritual e destas etapas é possível compreender e identificar “um espaço de experiências, de horizontes, de expectativas e sonhos vividos por uma coletividade, que devido às mudanças são reelaborados e muitas vezes até desconstruídos”. (CORRÊA, 2014, p.138)

No entanto, muitos eram os casos em que não se concretizava o casamento.

(...) porque não era pra acontecer nós se casar, eu lembro que terminou, eu entreguei a aliança, chorei... na casa dele, que eu fui pra casa dele... eu ainda me lembro, lá na casa velha, tava eu, Salvina, madrinha Maria, eu num sei se meu padrinho mané Felipe já tinha morrido... acho que num tinha morrido ainda não, não tinha não. Ai mulher eu cheguei, pensa que esse homi conversava com eu, era pra lá e pra cá, ai eu perguntei a Salvina, porque era, e ela disse: ah Francisca eu num sei não. Num sei de jeito nenhum porque era, e eu me lembro, eu ficava em pé na porta, na porta da cozinha, na casa dele, e ele sentado em cima de um baú, que de primeiro o povo usava uns bauzão pra colocar umas coisa dento, farinha, coisa, o povo botava lá dentro, e ele sentado lá, e eu na porta como uma pantera (risos) sem conversar, nenhum conversava (...) (TEREZA DE SOUSA)

Tereza de Sousa narra os sofrimentos vividos por ela em função de um noivado rompido. Em sua fala se percebe o quanto foi dolorido para ela e o quanto ela chorou e se lamentou tanto pelo sentimento que ela nutria pelo seu noivo quanto pela importância do casamento.

O casamento faz parte das grandes datas de uma vida, é a etapa final de um ritual que inicia com o namoro sendo comemorado de acordo com as culturas, costumes e tradições de um povo, em que há padrões sociais que estabelecem normas para a sua realização. É um momento de alegria tanto para as famílias como para a comunidade que se voltava para este evento tão glorificado por celebrar a união de um jovem casal sonhando em construir uma nova vida conjugal. (CORREIA, 2014, p.135)

Tereza de Sousa enfrentou uma realidade de sentimentos e sonhos desfeitos, pela sua narração se percebe o quanto ela ficou triste e desolada, sem conseguir conversar com a família e com as visitas. Dada à importância do casamento e do noivado, ela narra que quando terminou seu noivado ela recebeu visitas da vizinhança e de pessoas amigas que prestaram solidariedade.

(...) o caba namorar desse tanto de tempo com um cara (suspiro) e tudin gostava desse namoro, todo mundo, tudin, madinha Maria, ainda me lembro que madinha Maria gostava de beber um tiquin, e

dizia: minha fia, vamo beber um tiquin de cana, desse tantin, pra poder almoçar, ainda me lembro como seja hoje, acabou-se a casa lá, acho que num tem mais nem canto lá da casa, a de Ciço... E ele mora em Cajazeiras... Pois minha fia, quando cheguei era tanta gente vindo me visitar, era Maria de Hélio, ela vinha aqui, me dava conselho, eu tinha era raiva, por certo queria dizer ela que era pra eu beber alguma coisa pra poder morrer, ela disse: Francisca tu num vai fazer isso não, algum arte pra morrer, por causa de namoro não... Eu disse: Oxente mulher eu num to doida não, deu ir morrer e seus fulano ficar ai gozando ai... mas era de primeiro, tinha muita gente que fazia isso mesmo, mas eu nunca, de morrer e ficar gente ai esbravada no dente, nam... (Tereza de Sousa)

Tereza de Sousa lamentou o fim de tanto tempo de proximidade e de um longo relacionamento que chegou ao fim. Destaca também que lhe doía o fato de que todos os seus familiares gostavam e nutriam simpatia pelo noivado. “Ave Maria, num gosto de me lembrar daquele tempo não, era gente vinha, gente me visitando, Maria de Zuca veio aqui onde tava eu, era mais lá naqueles quarto que tem lá dentro deitada, esse aqui era de botar farinha...” (TEREZA DE SOUSA)

O casamento era esperado pelas moças, era envolto de muitos sonhos e planos. Casar significava ter sua própria casa, ficar junto do rapaz que escolheram para casar e finalmente eles poderiam viver a sós sem a vigilância e sem precisar de companhias.

As moças idealizavam o dia do casamento e também as vivências que se desdobrariam após o casamento, que se refere à construção da família e do lar. Os rapazes faziam planos e se preparavam, pois agora teriam que prover uma casa e uma família.

Terminar o namoro ou o noivado é lembrado como um acontecimento dolorido e triste, havia as moças que desconfiavam de traição, mas não tinha a atitude de terminar.

Só mandou uma vez um bilheteinho, porque ele dançou com uma dona e acho até que namorou, não sei... aí no outro dia de manhã aí foi ele mandou um bilhete para mim, eu fiquei com vontade de mandar outro dizendo que não queria mais..(risos) Quando é para ser é perdido. Tinha vontade, mas... Mas ele era namorador minha filha. (VICENTINA)

O casamento era um acontecimento marcante na vida dos jovens, mas não somente deles. A família, os amigos e os vizinhos se envolviam na festa de

casamento e no significado que ela possuía enquanto união de família e de propósitos em comum, no caso edificar uma família.

Entre o namoro, o noivado e o casamento se delineavam muitas significações e diversas expectativas que não se pode generalizar, apenas compreenderem na singularidade de cada caso.

Os namoros eram tecidos por finos fios, de amor, saudade e com doses de proibido e arriscado. Os amantes amavam e costuravam esse amor nos fios do cotidiano. O namoro era constituído todo dia, dia após dia até chegar ao clímax de tudo: o casamento. Momento que eternizava a maioria dos primeiros amores, que pareciam nascidos para durar desde o primeiro encontro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saudade, lembrança, esquecimento, afeto, amizade, amor e paixões permeiam as memórias de namoro dos anos 60 e 70 de Monte Horebe - PB. Essas memórias brotam atravessadas por temporalidades distintas e causam espasmo e espanto.

Pesquisar os namoros em Monte Horebe - PB nos anos 60 e 70, nos leva ao contato com um tempo diferente e principalmente com uma forma de pensar e sentir diferente. Os namoros eram vividos de uma forma intensa e por serem poucos os tornavam ainda mais marcantes. São memórias de um vivido que marcou e que fez parte da própria história de vida destes.

Um das partes significativas dos namoros citados nesta pesquisa culminaram em um casamento. Ou seja, de alguma forma todos os namoros formam marcas indeléveis para os jovens. E quantas são as diferenças, em relação ao tempo atual da pressa, do efêmero e dos muitos amores vividos e não sobrevividos.

As relações amorosas não são questões a parte da vida social, ela integra o cotidiano e “a vida cotidiana é a vida por inteiro, nela está inseridas e imbricadas todas as relações, as ações, saberes e afazeres que permeiam a esfera do vivido”. (HELLER, 1979, p. 17). E na memória dos que foram jovens em Monte Horebe, no período em questão essas memórias aparecem imbuídas em muitos elementos do social.

As lembranças dos namoros e das paixões são vividas e revividas com nostalgia, da ausência de um tempo pitoresco que não existe mais, de vivências que desapareceram. Sente-se saudade da forma de namorar, de amar, de respeitar, de considerar e de festejar.

A diferença dos tempos, as particularidades de cada indivíduo e as subjetividades, impõe muitas restrições a fala e a memória. Muitos preferem esquecer detalhes de namoros: como o primeiro namorado e os namoros escondidos.

É preciso lembrar que esse passado nos chega por meio de jovens que vivenciaram outra Monte Horebe - PB, diferente da atual. Eles viveram uma Monte Horebe - PB patriarcal, perpassada por códigos de conduta e moral que influenciaram não só as formas de namorar, noivar e casar naquele momento como influenciam hoje a forma de lembrar essas experiências e esses acontecimentos.

As experiências de namoros eram intensas. O tempo de namoro normalmente era curto o que tornava ainda mais raros e relevantes os acontecimentos. O casamento era o ápice e a concretização da história de amor, respeito e consideração de uma moça, de um rapaz e da família de ambos. Mas também havia casos em que esse ritual não se concretizava, muitos foram os namoros e noivados rompidos.

Lembrar e esquecer os namoros são procedimentos perpassados de desejo, escolhas, amor, ressentimento, tristeza, nostalgia e saudade. Como não lembrar com amor, carinho e respeito o primeiro namorado, as festas e as danças dos forrós que embalaram paixões e corações. Impossível disfarçar a dor e o ressentimento ao lembrarem os noivados rompidos, dos rompimentos, afastamentos, dos desejos e vontades tolhidas de ir para os forrós com seu namorado. Algumas memórias incomodam ou causam vergonha, por isso é melhor fingir esquecimento.

Os namoros dos anos 60 e 70 em Monte Horebe - PB são saudades, tramas e caminhos diversos que podem ser percorridos de muitas formas e por vários trajetos. Por estratégias, podemos convocar as memórias dos que amaram na pequena cidade de Monte Horebe - PB do século XX.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 25-36, 1997.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

BOECHAT, Patricia Teresa Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima. Feira livre: dinâmicas espaciais e relações identitárias. **VIII Encontro Baiano de Geografia e X Semana de Geografia da UESB, Vitória da Conquista**, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velho**. 12^a. São Paulo: Companhia das Letras 1994.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. Amor e gênero em quadrinhas. **Rev. Bras.Hist.** [online]. 2007, vol.27, n.54, pp.83-108. ISSN 0102-0188. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000200006>.

CORRÊA, Jussara Odete; ZAMONER, Zuleika; PAIM, ElisonAntonio. Namorar, noivar e casar: narrativas de mulheres “italianas” de Caxambu do Sul nas décadas de 1930 a 1960. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 19, n. 25, p. 123-152, 2014.

DIAS, Mércia Maria. **Monte Horebe 50 anos de Histórias e estórias**. Monte Horebe:2011

DE SANTANA, Rosemere Olimpio. Práticas amorosas e afetivas na Paraíba (Séculos XIX e XX): O papel da família, da igreja e do estado nas tentativas de regularização social. **Revista Veredas da História**, v. 4, n. 2, 2016.

DE SALLES OLIVEIRA, Paulo. Sobre Memória e Sociedade. **Revista USP**, n. 98, p. 87-94, 2013.

FAVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido: a construção das elites-Itajai, 1929-1960**. 1996.

FAR, Alessandra. El.Bilhetes de namoro abertos ao público: mensagens e encontros às escondidas anunciados no Jornal do Commercio (década de 1870). **Rev. Bras. Hist.** [online]. 2017, vol.37, n.74, pp.13-32. Epub Apr 27, 2017. ISSN 0102-0188.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam CS. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea-DOI 10.5216/ag. v2i2. 4710. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 2, p. 72-87, 2008.

MACHADO, Fernando Luís et al. **Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica**. 2006.

MUNIZ, Durval. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 15-24, 1997.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Trad. Ingeborg K. de Mendonça e Carlos Espejo Muriel. **Tempo: Dossiê Teoria e Metodologia**. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v. 1, n. 2, 1996.

PISCITELLI, Adriana. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. **Cadernos Pagu**, n. 1, p. 150-200, 2005.

RECH, Jeisa. **Memórias sobre namoro em Joinville na década de 1950**. Florianópolis, 2008.

SCOTT, Joan W. Uma categoria útil para análise histórica. **Cadernos de Historia UFPE**, n. 11, 2016.

SILVA, Janine Gomes da et al. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer...: as vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville**. 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de educação**, v. 5, n. 6, p. 37-52, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: a história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“Diante de tantas lembranças, me ponho a chorar”**: **Memórias de amor e saudade em Monte Horebe (1960-1970)**, coordenado pela professora **Cláudia Cardoso de oliveira** e vinculado ao **curso de História da universidade federal de campina grande, centro de formação de professores, campus de Cajazeiras**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **problematizar as memórias e lembranças de amor e saudade em Monte Horebe, entre as décadas de 1960 e 1970; analisando por meio das entrevistas as concepções de namoro e casamento, além de buscar identificar quais comportamentos eram considerados como ideais e perceber se o comportamento destes estava condizente ou não a esse modelo ideal, e se faz necessário por ser um trabalho que contribui com a preservação da memória dessa pratica cultural que com o passar do tempo vai tomando novas formas e as passadas que dizem muito sobre a cultura de um povo estão se perdendo**.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **uma entrevista sobre o tema da pesquisa e assinatura do termo**. Os riscos envolvidos com sua participação são: **a exposição do conteúdo da entrevista, no entanto seu nome não será identificado**. Os benefícios da pesquisa serão: **contribuir com a preservação da memória dessa pratica, dos costumes e hábitos e as formas de se relacionar que tanto dizem sobre a identidade de um grupo**.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Cláudia Cardoso de Oliveira**, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Cláudia Cardoso de Oliveira

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço: Monte Horebe - sítio areias

Telefone: (83) 9604-5038

Email: claudia_cardoso_@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Monte Horebe, ____ de Agosto de _____

Assinatura ou impressão
datiloscópica do voluntário ou
responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo



CARTA ENVIADA POR PAULO DE SOUSA PARA TEREZA DE SOUSA
SITIO RITA EM 13/08/1978

Felicidades...

Aqui tudo bem, graças a deus, o mesmo desejo a vocês.

Tereza você manda perguntar se é outro amor que eu tenho aqui, mas eu não tenho, é engano seu.

Sim você manda perguntar se eu vou sábado, se não houver contra pode me esperar que eu vou.

Tereza a gente só conversa melhor com o nosso encontro, porque você sabe que a minha preocupação é grande, e principalmente em feira de semana.

Lembranças a todos.

Assina seu amor

Paulo de Sousa

CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO
SITIO PINGA 16/1/1980

ABRAÇOS.

É com muito prazer que consigo escrever mais uma vez. E neste momento eu sinto muito triste por não ter novas notícias sua. Sera que não recebeu a carta que te escrevi? Logo que Truvanil chegou te escrevi uma cartinha com muita saudade e tristezas também! Sim Marcos sempre lembro de você a todos os momentos venho guardando as tuas lembranças dentro do meu coração. Seu poder desabafar um instante sei que minha solidão só vai ter fim um dia quando estiver junto de ti! Sinto imensa vontade de poder te abraças com muita força e sentir juntinho o seu mais querer não é poder sempre sonho com você varias noites agente na maior felicidade mais quando acordo eu sinto só. Amor quando teu plano de vir aqui? Olhe querido eu estou com um plano se der certo vou ficar juntinho de você mais uma vez se deus quiser Olhe se tudo der certo vou daqui pra março eu estou air em são Paulo quando Risalva for eu vou com ela pois não consigo passar muito tempo sem lhe ver. Pois não consigo mais tanta saudade Sim amor gostei muito do Truvanil ele me falou tudo de sua opinião eu tenho ele como o maior colega gostei bastante do amigo Truvanil olhe recebi o cartão de natal que me mandaste muito obrigada e o nosso senhor lhe der saúde e muita felicidade. Sim amor agente brincou aqui duas tertulha junto com o Truvanil uma na casa de Batore e outra foi la na casa do seu pai Olhe foi ótimo só uma coisa faltou sua pessoa. Eu sempre recordei muito o passado mas e isto mesmo. Recordar o passado so faz cada vez mais tristezas e solidão dentro da alma. Sim Marcos aqui sempre tenho um grande amigo que é o seu Noel gosto dele como um irmão meu agente sempre conversa algumas coisas. Sim amor e você já esta gostando de m. Dulce desejo a maior união de todos nos que somos todos famílias. Amor air vai a foto com Truvanil e você aguardar o meu certo?

Lembranças de Neli tia Nilda pai e o resto lembranças de Geni e Pedro e seu afilhado e sua afilhada já não falou sempre tenho receios Amor estou fazendo o possível pra ficar junto de você vou falar com Teca e aguardar alguma solução pra ver no que vai dar.

Aceite um adeus com muito amore carinho e mil abraços

Tchau amor

CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO

Sítio pinga 2-12-79

Amôr que saudades de ti!

É com muito prazer que te escrevo mais uma vez. E quero também dizer-te que recebi a tua cartinha e fiquei muito contente, estou muito satisfeita pelo que me fala. Mais estou passando uma tarefa que não sei como suportar a tua ausência se angustia matasse eu já teria morrido de tanta saudade que sinto de ti meu amor! Mais me conformo eu tendo você eu tenho tudo na minha vida. Sim soube o que você falou que ouviu dizer que os meninos vão me mandar buscar pra ir? Olhe, air estar em suas mãos do jeitinho que você quiser amor, estou concordando. eu tenho a maior ilusão de ir air em são Paulo mais com paciência resolvemos tudo meu querido! Olhe amor o que me manda falar tudo air esta em suas mãozinhas aquelas mãozinhas que eu tanto pegava aquelas linda mãos que tanto passava no meu corpo. Amor a minha vida esta em suas mãos são duas almas num corpo só. Amor so penso em nois dois no nosso amor quanto mais velho mais lindo é! Sim amorzinho sobre a foto que mandou me pedir não é possível eu mandar agora porque estou de luto da minha vó vitalina que faleceu a poucos dias mais tirei umas fotos e não recebi ainda mas na próxima carta eu mando. Olhe amor não vá ficar aborrecido comigo que em breve eu mando certo?

Amor quero que se for possível mande-me uma foto sua pra mim pois tenho o maior desejo de ver como esta em fotos Diseur-me. Amor, mil beijinhos com mil abraços tchau.

CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO

Sítio pinga 01-10-79

Saudações sem fim.

Querido amor, primeiro que tudo beijos e abraços. Marcos recebi sua carta e fiquei muito contente, quase não acreditei, pois pensava que já tinha me esquecido. Meu amor, você diz na carta que já tinha me escrito mas eu não recebi. Pois até pensava que você não estava air em São Paulo. Recebi a sua escrita no dia 17-de-09 foi o maior prazer que senti depois que você partiu deixando as recordações do passado. Olhe meu amor derramei lágrimas de tanta alegria, em ter notícias suas amor! Marcos será que não confia em mim? Pois nunca cheguei a esse ponto de pensar em te esquecer. Meu amor só te peço que tenha confiança no que falo. Só você é o homem que me faz feliz neste mundo sem fim. Só você amor é quem me faz sofrer não sei até que dia posso sentir seu corpo mais juntinho de mim. Amor como desejaria poder te ver e falar pra ti o quanto te amo. Olhe amor aqui só resta as lembranças do passado, pra mim estou lhe vendo a todos momentos tudo que faço não consigo tirar você do meu pensamento. Meu amor você está gostando de s.p.? amor sobre eu ir pra air não dá certo não eu sou de menor e mesmo não dá certo eu sempre tive a maior ilusão mais não sei. Sim amor recebi o que você deixou pra mim olhe, recebi antes do dia 18 aparecida veio deixar em minhas mãos

Vire o papel e não o coração

Querido eu adorei a colônia muito obrigado amor deus tome conta de você onde você estiver Sim amor recebi também a foto que você deixou pra mim ficou lindo. Esta foto é o meu consolo amor. Sim você pergunta se Neli ainda namora o mesmo? Não não durou nem 15 dias, pois ela está com o coração vazio. Só se melhorar mais “um poquinho pra ela. Sim sobre Tiquinho ele ainda não casou e também não estou sabendo quando é. Tiquinho sempre conversa demais e não tem quem compreenda ele. Marcos eu até recebi uma carta de Truvanil e repostei, até perguntei se ele não dava notícias suas. Pois eu estava muito preocupada ansiosa em pensar em você. Marcos sempre lembro o passado com muita tristeza e solidão, estar próximo do dia 3 de outubro só restam as lembranças do passado como já

fomos felizes! Mais existe as esperanças um dia nosso sonhos vai se realizar tenha massima esperanças.

Por final vou terminar so restas as saudades te envio mil beijinhos e mil abraços bem apertados de outra oportunidade amor a gente se comunica melhor sempre me escreva pois é o maior prazer para mim.

Envio mais mil beijinhos doce com mil abraços so resta *Marta* amor.

Sim Marcos m. Francisca e m. Raimunda depois elas escreveu aguarde respostas. Ainda beijinhos pra ti amor!

CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO

Sítio pinga 3-2-1980

Amor beijos e abraços

É com muito prazer que respondo a sua amável cartinha e também quero dizer-te que fiquei muito contente em ter notícias sua. Pois até pensava que já tinha me esquecido. Marcos é como você já está sabendo que aconteceu o que a gente nunca esperava a morte de seu avô causou muito desgosto a toda população principalmente a família senti muito por que quem não tivesse dó dum estado como veí não tem coração a família toda lamenta a triste cena que aconteceu com o chefe do pinga mais é isto mesmo não tem como o nosso pai Jesus Cristo. Sim amor eu soube que não está mais morando com Truvanil? E também soube que não está bem com Lucim. Que aconteceu entre vocês dois que não mandou dizer? Porque quando Truvanil veio falou que ficaram morando juntos! E sim Marcos você mora com Jino? Como vai o Jino? Ele parece que não gosta bem de dar notícias. Sim Marcos você mandou dizer-me que eu não vá pra ir pra São Paulo? Olhe Marcos eu só vou se for por acaso Teca mandou dizer que vá e também se ele me escrever daqui pro dia 9 de fevereiro por Risalva vá compra as passagens dia 9 deste e você não vem agora porque tenho certeza que está só me falando que vem mais não marca tempo e também você não quer que eu vá porque? Fico pensativa. Sim Marcos você mandou me falar que a menina está lhe perseguindo mais porque? Eu creio que se você não desse nenhuma chance não acontecia nada não é amor? Sim o meu maior medo já está aqui é porque pai quer que a gente trabalhe na roça limpando mato adoida e este serviço não dá pra mim de maneira alguma eu já não falo apanhar feijão e fava mais limpar mato não dá! Olhe amor aqui está um cemitério não tem pra onde agente sair e cada vez mais ficando pior agente passa o tempo todo sem sair de casa nem a noite a gente não sai. Aqui já foi bom mas hoje só resta recordação entre as pessoas. Sim Marcos o Tiquinho vai casar agora dia 7 deste Marcos o inverno aqui está bastante variado parece que as chuvas aqui vão ser muito poucas está com mais de 8 dias que choveu aqui mais vamos pedir felicidade a nosso criador que nos mande um bom inverno. Sim amor lamento muito a tua ausência sinto falta dos teus carinhos lembro de você a todos momentos desejo

muito esta ao teu lado mais não perdo a esperança de um dia poder ver e abraçar com muita força não esqueço os nossos momentos que juntos passemos. Vou terminar com os olhos cheios de lagrimas aceite beijos e abraços de quem não ti esquece *Marta pereira* Te amo amor

CARTA ENVIADA POR MARTA PEREIRA PARA MARCOS AUGUSTO FILHO

Sitio pinga 26-10-79

Primeiros beijos e abraços. É com o coração cheio de saudade que consigo pegar neste lápis para ti escreve-la mais uma vez. Você que hoje numa longa distancia, vivemos separados mas com tudo isto te amo cada vez mais. Querido o motivo desta é somente para repostar sua amável cartinha que veio trazer no meu coração muita alegria e no mesmo instante tristeza porque nessas alturas ainda não te esqueci um instante. Logo que recebi a sua carta coloquei na gaveta da saudade. Marcos agora no dia 25 deste mês foi que eu recebi a primeira carta que você me escreveu. Olhe amor fiquei muito triste em esse tempo todo esperando respostas sem ter alguma noticias e eu aqui pensando em você sem ter nenhuma solução. Olhe amor recebi a segunda carta que você escreveu logo no começo do mês e logo repostei pelo correio não é possível que você não tenha recebido. Marcos peço-lhe que quando você me escrever não escreva para o correio de horebe e sim no endereço de Carmoza que o correio do horebe é muito atrasado sim e escreva também por mão própria que e o mais certo. Sim amor peço-lhe quando escrever mande mim dizer com quem estar morando pois desejo saber e mande dizer se estar gostando e quando vem de volta. Amor já lhe escrevi contando tudo na carta que escrevi. Que recebie o presente que me deixou-me e das fotos que recebi Sim meu amor recebi também a sua camizinha que você deixou pra mim como lembrança quando pego nela lembro de tantos momentos felizes

Meu mor você nem pode imaginar a saudade que mora dentro de mim. Olhe escrevi esta carta com as faces toda manchada das lagrimas que derramei por não ter você ao meu lado. So hoje pude reconhecer o quanto é o amor mesmo que seja ilusão hoje eu sei o quanto ti amo e ti quero. Olhe estou esquecendo de mim so pensando em você querido.

Aqui vou terminar com tantas saudades por final em uma alta ausência aceite mil beijinhos na sua boca e mil abraços bem apertados fica seu amor de sempre.

Marta tchau Amor der
lembranças a Truvanil é uma grande
amigo. Aguardo respostas breve.

ENTREVISTA 1

CLÁUDIA CARDOSO (CC): Perguntei sobre as músicas e festas que dona Joaquina gostava no passado...

JOAQUINA DE OLIVEIRA (JDO): Ah... Tinha muita música boa, muita música bonita. As musica de hoje é que num da não, pra mim não... O caba vê cada música nessa coisa (risos) fico doidinha. O povo dança, se penera, se balança e eu digo meu Deus o que é que esse povo tão vendo aí... nam... Antigamente tinha música, tinha letra, tinha tudo, hoje num tem nada não, nada, só besteira, o povo conversando besteira, num tem nada não. Antigamente era bom demais, as festas, os tocador, num sei se é porque eu dou muito valor à sanfona antigamente, era... As festa daqui também tinha de tudo, era sanfoneiro, música de sopro, aquelas banda de... trombone, toda coisa, esses bichão grandão. Tinha tudo aqui, era doze instrumento daquele, tocava a semana todinha aqui nas festa, coisa boa, animada...

CC: Essas festas eram tradição de muito tempo aqui?

JDO: ... de muitos anos, era promessa que madinha tinha feito quando ela construiu essa capela. Era rainha, essas menina de primeira comunhão, tinha as turma, a primeira era foi eu e outras, era vinte e cinco, todo ano madinha fazia vinte e cinco e tudo era ela que fazia, eu fazia todos, os vestido, as mortainha dos anjo, eu fazia as capela, as sandalinha era Deca que fazia, mas eu era quem fazia tudin, ah... festa aqui era coisa pra frente minha fia, era coisa organizada. O júizo da gente é muito bom, porque quem era madinha que fazia umas festa, que eu num sei de onde era que ela aprendia aquelas coisa não, de cabeça que ela aprendia a fazer tudo, pra morrer do jeito que morreu os outro chamando ela de doida, júizo é coisa boa quando a gente tem meu Deus... por aqui num tinha festa do jeito que tinha por aqui não, era muita coisa boa, todo mundo gostava... como era a história, o povo dizia que relembrar o passado é sofrer duas vezes, mas se o caba for pensar nas coisas que já passou na vida, menino né brincadeira não... quem for da minha idade pra contar as coisa que era de primeiro, tudo que já se passou-se, o tanto de gente que a gente já conheceu, as coisas boa... eu num sei se o povo de hoje acha esse tempo bom... tu acha esse tempo bom?... se for mais Felipe né? Namorar é bom né? (risos) e se o caba gostar, se num gostar minha fia... eu num sei se o povo de hoje gosta

mais do que antigamente a gente gostava, porque tem as pessoa também que a gente não gosta.

CC: Antigamente o povo começava a namorar com quantos anos? Ou não tinha isso? Tinha idade imposta pela família pra começar a namorar ou não?

JDO: Não... tinha isso não. Sempre os pai tinha cuidado né?... porque toda vida eu num vou dizer que num teve coisa ruim não, que toda vida teve... eu conheço mulher velha ai, que tinha ai que teve filho dos outros homem e botava chifre no marido e tinha filho dos outro mesmo assim sem casar e teve. A gente sabe mesmo, mas era diferente... você ta pensando que nas festa como aqui mesmo, ai no Vitor tinha uma mulher sem futuro, né? Todo mundo sabe que no Vitor era afamado, quem conheceu, tinha um tempo ai que as mulher no Vitor, tinha no serrote, porque no serrote tinha Licor, Zefa que era mãe dela, tinha naninha bezerra que todo mundo sabia que naninha era junta com um caba lá do coisa e era casado, Zefa mesmo quando era nova, o povo já falava que ela era junta com Alvino, namorava, era junta, num sei... nunca vi... era umas pessoa que era errada, sempre foro errada, mas sempre respeitavam, ninguém nunca viu ela num forro, numa festa assim, pra ela se depravar, fazer... hoje eu vejo moça de respeito fazer coisa pior do que elas fazia, mas aquelas que era falada como ali no Vitor, só Duca de mane Ponciano que foi criada na casa de mane Ponciano, ninguém nunca andou falando de Duca não... comadre mazinha também não, mas comadre Joinha, Maria Ponciano, desde nova, Severina, Dezinha, era um monte que tinha ai... Bia de dottor, Gracinha, era tudo, um bucado de depravada, tá pensando que elas ia festa, onde tivesse uma festa, um forro elas ia dançar com as outras moça, ninguém deixava elas entrar não, só porque elas bagunçava, ai ninguém deixava elas entrar, se entrasse os dono botava elas pra fora. Tinha que ter respeito, se quisesse bagunçar era lá fora, longe... num ficava lá não, na festa não. Aqui mesmo botaram um bucado pra fora, aqui mesmo, nesse grupo ai, ficava não, de jeito nenhum, mas hoje... pelo amor de Deus, o povo num esta nem ai, e tem uma coisa, a gente tem que se conformar, quem tiver uma filha, quem tiver uma irmã, quem tiver uma sobrinha, esta nem ai, o caba num pode fazer nada, de jeito nenhum.

CC: Mas o que era bagunçar, no sentido que você fala?

JDO: Não, era porque elas botavam chifre nos marido, namorava com os homem casado. Ali tinha Zefa de Antônio saturnino, tinha chaga, ai Zefa mesmo ela namorava com seu Messia bento, morando nessa casa aqui, botava chifre em Maria soares, e o povo sabia que ela namorava e num aceitava ela entrar nas festa não, e nem as outras, e o povo num aceitava não, ficava fazendo cachorrada pelos matos, e o povo num aceita de jeito nenhum. E hoje o povo já se acostumaram, num da jeito. É diferente, antigamente era diferente de hoje minha fia, ê ê... quem é que empata mais do povo fazer essas coisa, as moça namorar, se agarrar, beijar, fazer tudo no mundo, nem pai nem mãe, ninguém empata mais não. O caba tem que se acostumar de ver, eu num me acostumo não.

CC: Mas, antes não beijava de jeito nenhum na boca, ou era porque não beijava como beija hoje?

JDO: Num tinha história de beijo não mulher, ninguém beijava não. Eu arrumei um intrigado porque ele era inxirido, todo mundo chamava ele de inxirido, era afamado de caba inxirido, ai eu cheguei lá e comecei a dançar mais ele, ele se aproveitou que tinha muita gente no pavilhão, ai tinha muita gente dançando, ai ele pegou assim, puxou e beijou na minha testa, eu só fui me abaixar e tirar o sapato, pá na cara dele. Você esta doida! Eu digo, doida não seu irresponsável, inxirido, sem vergonha, ai... eu disse você tem é que me respeitar, ai ele disse que era que tinha sido empurrado, ai eu disse: nam, você beijou foi porque quis caba safado, inxirido, eu digo: o caba dá e aceita, depois vem com inxirimento, depois vem arrochar. Se eu tivesse dançando e conhecesse que o caba tava me arrochando, eu empurrava, e mandava arrochar o cão, não eu. Derrubei outro dentro duma grotta, meio bebo, veio me puxar, nos vinha do horebe, e vei me puxar e me beijar, eu empurrei assim os ombro dele, e ele caiu com as perna pra cima dentro de uma valeta lá; ai eu corri e deixei lá... pra lá de Jeronimo, depois ele veio dizer: você esta doida? Doida o que caba sem vergonha, você se aproveita que esta com cachaça no rabo pra vim se agarrar, venha pra cá, pra você ver uma coisa. Passei num sei quantos dias intrigado dele.

CC: Antigamente o povo tinha muitos namoros escondidos?

JDO: Namorava. A família não queria e namorava. Aqui mesmo eu namorei muitas vezes escondido. Saia pras casa...

CC: Pra se falar mandava cartas?

JDO: Mandava, escrevia.

CC: Antigamente não era todo mundo que sabia escrever...

JDO: Era não... ainda bom que meus namorado sabia ler, escrever... pouco mas sabia, acho que o que menos sabia era chico gato, mas Chico gato não, o povo daqui queria e Nano era muito escuviteira, ave maria, Nano bajulava demais, Chico gato namorava era com Hiolanda que era sobrinha dela, e ela não gostava de Hiolanda, fazia tudo por mim, pra eu namorar com Chico gato, Chico gato não tinha nada, vestia uma camisa quando Nano quebrava coco e dava uma camisa a ele (risos) tinha nada, coitado! Mas o povo gostava dele, Nano gostava também, mas nos brigava demais mulher, por tudo no mundo, podia brincar com ninguém meus amigo aqui, eu era nova, eu brincava mas os menino tudim, e aqui em casa, nesse tempo aqui, tinha tudo, Josue era sanfoneiro, pai tinha banca de jogo, mãe uma bodega e o povo era tudo aqui, tava na casa de padim Bento, tava na casa de padim Horacio, vamos lá nas areias, as areias era aqui... pra onde tivesse vamo lá nas areias, aqui era cheio de gente direto, era animado, tinha muita gente, aqui nesse tempo também, mas... o povo gostava demais daqui, e ele era ciumento, nós só vivia brigando. Madrinha chaguinha e madrinha Zenir dizia que achava bom esta perto de nós, porque nos brigava demais. Ele era ciumento, mas eu não dava nem motivo pra ele brigar, mas ele era ciumento demais, eu digo, acho que mais Chico num dava pra nós casar não, porque nós brigava demais. E eu gostava dele, mas se fosse pra nós ter casado, nos num vivia não, porque ele era muito ciumento, briguento, num sei se mais Maria ele brigava muito não, mas (risos) mas eu , namorando nós brigava demais. Já mais Zé Felix nos combinava muita coisa, Zé Felix não tinha ciúme, era combinado tudo, num... Compadre Joaquim também era ciumento, ave Maria, eu era danada também... ele também era! Ele dizia que num namorava com as moça, e o povo dizia, eu só acredito vendo, e quando eu via, agora é. (risos) também não dava nem satisfação, queria nem saber. Num gostava de brigar com rapaz nenhum e nem terminar namoro. Quando aprontava qualquer coisa, pronto, vá pra lá, que eu vou pra cá. Acho que é por isso que não me casei, eu num dava pra aguentar muita coisa de ninguém não. Sem motivo...

CC: Qual o seu namoro mais duradouro?

JDO: Eu acho que foi Chico gato, namorei quase três anos com ele. Mas ele nunca fazia com que casar, nunca tinha nada, porque ele tinha uma casa que o vei Miguel deu a ele no horebe, parece que era ate padin dele, e ele dizia que... e eu nem queria morar no horebe, mar minina, negocio de morar em horebe, e era a casa que ele tinha. E eu queria bem a Nano demais, e ela me chalerava demais, mas acho que foi ele que eu namorei mais tempo. Acho que ele e cumpadre Joaquim, cumpradre Joaquim foi um ano... um ano e três meses... parece que foi. E os outros era só... namorei com Maraes também, foi tempo, depois terminou e ele foi pra São Paulo. Depois ele mandou uma carta pra mãe dele, pra família dele, porque tinha namorado com duas, pra saber qual a família queria, com eu ou com a do espirito santo, mas todo mundo, Judite era muito minha amiga, dona Maria também, queria demais, ai disse que era comigo, tinha cumpade João preto, tu num conheceu não, morava ai... agora cumpade João preto, ai meu Deus do céu, ainda esses dias foi fazer um eletro... ai ele num podia ver eu namorar com outro rapaz, ele chorava... dizia que ia beber veneno. Ai eu namorava com Sinval Luís, irmão de cumpadre Luís, eu tinha namorado com Maraes, ai Maraes disse que vinha pra noivar, mas eu tava namorando com Sinval, e Sinval morava em Bonito... ai cumpadre João foi lá nos pereiros, quando chega lá, Sinval vinha pra aqui, e Judite mandou uma carta pra Sinval, que ele dormiu de noite lá nos pereiros, pra vim pra cá bem cedo, ai lá tava Maraes e tava, Sinval, e tava cumpadri João preto que tinha ido pra lá também, que Rosio morava lá, irmão dele, ai Judite mandou dizer que eu dissesse a Josival, que ele fosse pra lá no domingo, que Maraes tinha chegado e nós fosse pra lá, ai lá chega um menino e compadre João preto não queria ver eu namorar com outro rapaz... e eu num tinha nada com ele não mulher, nunca nem pensei em namorar com ele, ai ele pega, ai disse a Maraes que eu tinha namorado com Sinval, disse a Sinval que Maraes tinha vindo pra noivar, pra casar, pra ir pra São Paulo. Ai Sinval era azilado que só, ai chegou aqui... era ali, tinha uma janela, ai ele chegou, bateu na porta, e eu tava lá na janela, bem cedinho. Ai ele: bom dia paulista! Paulista... hum, eu digo oxe, ai sai e falei com ele, ai ele disse sim, é paulista, e começou com as sem vergonha, e eu que história de paulista. Eita vai casar e vai pra São Paulo ser paulista, eu disse nam, num sei disso não. Eu sei que compadre João preto disse a Maraes, disse a Sinval, eu digo, mas minha nossa senhora, num sabia nem do assunto, que Maraes vinha pra noivar, que eu tinha namorado com ele mesmo, mas tinha terminado, tenho mas nada com ele não. Ai eu sei que fomos pra lá e elee

dizendo que tinha vindo com uns planos, mas tinha dado tudo errado. Também eu nem liguei, já sabia o que era o assunto, Judite tinha me dito, também eu num gostava de Maraes, maraes bebia e maraes tinha um filho com Nilza, já tinha um molecão, e disse que era filho de Maraes, e eu tinha medo. Eu digo, eu vou é me casar com Maraes, maraes já é junto com Nilza, e já tinha um filho com Nilza, e eu vou e caso e vou morar nos pereiro, se ele continua namorando com ela, a errada nera eu que sabia, nera? Além dele beber, ele ter uma mulher e ter um filho, se eu me casasse com ele eu ia só sofrer. Ai eu disse, num quero nem saber, de jeito nenhum. Ai também num dei nem satisfação; ai eu fiquei namorando com Sinval, e Sinval um dia nós fomos pra são Jose de piranhas, Deca andava com o caminhão cheio de gente, ai eu fui na bulé e Sinval foi do lado de fora da porta o caminho todinho, o caminhão cheio de gente, e Sinval na porta do caminhão. Ai nos fomos pra são jose de piranhas e viemos, chegando aqui já era tarde, era umas sete horas, ai compadre João veio também, praqui, ai ficou... ai nos botamos a janta, ai Sinval jantou. Passou, ai já era bem nove horas da noite, já era tarde, ai Sinval foi pra casa de comadre zenir, e compadre João aqui, mas bixo era palhaço mulher, ele ia pra rua e passava o dia todinho me dando cigarro, ai quando ele saia, tinha uma porta ali que tinha uma brechinha, eu amarrava a rede bem pertinho da porta, ele sabia onde era que a rede ficava, e ele jogava os punhado de cigarro lá dentro da rede, ai eu entrei e fui deitar, sim! Ai ele foi e disse assim: você é uma ingrata, ai eu: ingrata porque João? Porque você sabe que gosto de você e você fica namorando com os outros, eu digo: eu num tenho nada com você. É porque você não tem coração mesmo não, no lugar que as outras têm coração eu tenho é muela, eu disse será se um dia vou morrer do coração? (risos) porque eu enchia o saco dele mulher, mas o cara querer uma coisa que num era, né? Ele era importuno demais, eu digo não, e eu num tenho coração mesmo não, no lugar que os outros tem coração eu tenho é muela, ai disse um bucado de coisa ai a ele, ai eu fui me deitar, me deitei, ele: pois eu num vou morrer, eu : pois morra, ora se me importa, ai ele disse assim: eu vou pedir veneno a seu Zé gomes e vou beber, eu digo: pois beba, beba ate quando você não aguentar mais. Ai ele foi, quando eu me deitei, todo mundo deitado, só ele e pai acordado ai, ai foi perguntou: seu Zé Gomes, o senhor tem veneno aqui, ai pai disse: tenho. Pra que é João... Pra botar lá num formigueiro que esta torando um pé de laranja, ai pai tirou o veneno, ai quando ele saiu eu disse: pai pra que pai foi dar o veneno a ele, e ele sabia, pai sabia, mãe sabia que ele era besta, ele disse que era

pra colocar num pé de laranja, pois é, ele disse que ia beber, e porque você não me disse: eu disse: eu não, ele que se lasque, num too nem ai, de jeito nenhum, ai nesse tempo o pai de Tiranete morava lá em uma casa, e estava doente o velho, fui deixar almoço os meninos e quando vinha fui lá na casa do velho, ai Rosnei, um dia marrães pegou uma briga lá no João velho, que eu cheguei lá e namorando com Chico gato, Marrães pegou uma briga lá com ele, ai Rosnei estava lá, ai disse: ah... aqui é a moça que faz o povo brigar, faz o povo beber veneno, fazia tudo... e eu: mar rapaz, eu mesmo não, mando ninguém fazer nada, e eles lá tudo rindo, ai quando eu vinha, vim por lá, tava todo mundo enrolado numa cama, e chorando, e comadre Francisca: comadre Deja, o que foi que tu fez com meu filho? Que desde ontem que meu filho chora ai dizendo que vai morrer. Eu: eu mermo num fiz nada com ele, nunca namorei, eu nunca enganei ele, eu considero ele como amigo, mas como namoro comadre Francisca eu nunca pensei nada de João não, de jeito nenhum. É porque desde ontem ele ta chorando ai, desde que chegou de lá, o que foi? Eu: rapaz, eu to livre, ele é livre, eu namoro com quem eu quero, e ele namora com quem ele quer, agora não adianta é o caba querer namorar com uma pessoa sem a pessoa querer, num adianta não comadre, de jeito nenhum. E ele chorando... cheguei lá ele coberto, perguntei: o que é que tu tem João? Ele: você é uma ingrata, você não tem coração, você num sei o que, eu digo João tire isso da cabeça João. Um dia eu fui pra uma festa no Ceará, lá mas os meninos dos pereiro tudin, Jocival, porque eu tava namorando, conversando com um menino lá desse povo de Santino, com Chico, ele disse que ia pedir uma faca, disse que era o delegado e todo mundo entregava as arma lá, ai ele disse que ia pedir a faca do homem e ia matar Chico, com você eu num faço nada não, mas com esse cara eu mato ele e desabo e deixo meu cavalo e você vai embora. Eu digo, rapaz, tu sabe o que é que tu vai fazer, porque ai é uma turma de coisa, ai nesse tempo Bosco de Osorio era vivo, ai Bosco foi mais nós, lá do espirito santo pra lá, era quase uma légua pra dentro dos bibão... ai eu disse a Josival, João ta surdo besta ai dizendo que vai pegar uma faca e matar Chico, e os primo dele tudim lá, ai a mãe dele era irmã de dona Amélia, mãe de expedito, pai de Jairo. Eu digo: a turma de lá ta todinha ai nego vei. Ai os menino começaram a implicar tudin lá, ai os menino gritava: oh Deja, tu ta com medo de ta com Chico? Eu dizia: to com Chico. Ai eles achava graça. Eles se encabulou-se minha filha, com raiva, ai disse que ia matar Chico, ai eu: rapaz tu pensa que tu vai fazer, olha as moça ai, vai chamar elas pra dançar, o direito que eu tenho de

namorar, você também é um rapaz pode namorar, num tem moça ai no forró? Va namorar, mas ele ficava doído, nem podia ver eu com nenhum rapaz, de jeito nenhum. Eu era feia, mas sempre os rapas gostaram de conversar comigo, não porque fosse inxirida não, é porque eu, o povo gostava mesmo, e eu dançava bem e os rapas gostava de dançar mais eu, e nós dançava, conversava só pra passar a noite assim... mas era uns namoro simples e tinha rapas que gostava de mim. Namorei com outro rapas lá do riacho fundo, tadinho, esse morreu novo. Acho que era pra eu ficar viva na folha, porque morreu três namorado meu solteira mulher, tu acha! Esse era tão bonitinho, moreno, bonito, ele era sobrinho de Miguel Roberto, finado João, era bem bonitinho, bem moreninho, cabelo bem pretinho, bem escorridinho, bem magrinho. Ai pegou uma muenda de um engenho e dilatou uma veia, chorou quando cheguei, lá um dia que fui visitar ele, meu Deus! Ele: eh... Deixa, eu sei que não vou mais uma festinha daquelas lá nas areias não, mas nunca, eu também chorei, fiquei com uma dó dele, morreu... E a mãe dele também era que nem Nano e a velha gostava de mim. Bem bonitinho João, bem moreninho, mas era bonitinho. Namorei com um bucado de rapas, era um namoro que o povo chamava era só de dançar, conversar, bater papo.

CC: Quer dizer que se dançasse com alguém em uma festa já se dizia estar namorando?

JDO: Assim, se a pessoa fosse pra um forró e o caba dançasse de três parte pra lá encariada, ai o caba já tava vendo que era namoro, porque se não fosse, num... (pausa) Antigamente o povo também fazia coisa errada, mas era difícil, negocio de ter um filho sem casar, hoje né nem novidade, tem os avos pra criar (risos) Antigamente todo mundo tinha medo porque não tinha dinheiro pra nada, meu deus do céu, pra ninguém criar menino... pois é minha fia, é um caso serio.

CC: Quem foi seu primeiro namorado?

JDO: Tu sabe que eu nem sei (risos) porque tinha outro caba aqui, era João Antônio, ele é dos costa ali, e desde eu pequena que João Antônio dizia que namorava com eu, e eu nunca namorei com ele, meu deus do céu... era o que eu dizia que era meu primeiro namorado, porque ele dizia, agora quem fazia o namoro era Raimunda e madinha Zefinha que criou ele, ai ficava aquela besteira de dizer que nós namorava, mas eu num me lembro se já conversei assim com ele não...

CC: Seus namorados vinham na sua casa? Só os escondidos que não? (risos)

JDO: Não, não, nunca deixaram de andar aqui não, nenhum desses que eu namorei que o povo queria eles andava sempre, num empatava de andar não, era mais ruim da gente conversar porque eles não queria...(risos) As vezes compadre Joaquim chegava aqui, era todo mundo jogando aqui, e eu saia e ficava conversando ali, na hora que compadi Joaquim chamasse pra conversar ali, Raimunda já chamava: Deja? Que é? Era pra fazer café, era pra fazer tudo no mundo, e eu tinha que ir mesmo, porque se ela dissesse a pai que me chamou e eu não fui, ela mandava pai mandar eu ir, ai tinha que ir pra pai não brigar no meio do povo. Ai eu ia fazer as coisa, ai compadi Joaquim dizia: pois Raimunda chama de proposito mesmo, uma hora que a gente vai começar a conversar, mas era só conversando mesmo, ai na janela, um de um lado e outro do lado de fora. Ai ele: eu ainda vou comprar um revolve pra na hora que Raimunda chamar, eu digo laí vai Deja (risos) mas eu achava graça com ele, deixa de ser besta, e ele: é não é que ela chama de proposito mesmo porque sabe que namoro com tu, na hora que começo a conversar com tu, ela vem te chamar...e era porque elas num queria não, as vezes eu ia lá pra casa de padrinho Horacio, saia mais Lindalva, Lindalva era moleca, que aqui ninguém andava só não, você tá pensando, que eu fico doidinha de ver as coisas de hoje em dia... quem fez eu criar menino foi a bodega de Afonso ali, mãe vendia cocada, tudo no mundo ela dizia: vá ali em Afonso comprar açúcar, vá comprar dez quilo de açúcar, mas eu num ia só não, eu tinha que ter um menino pra ir mais eu, ai eu saia, ia lá na casa de meu padrinho Horacio e chegava lá não tinha nenhum menino, voltava sem nenhum, voltava lá na casa de pedra, não tinha nenhum menino pra ir mais eu, ai nesse tempo tinha os menino de comadre Francisca, tinha hora que a agente ia trás de um menino e não achava nenhum pra ir pros canto mais eu, e ela não deixava eu ir só não, de jeito nenhum, na bodega não. Eu dizia: ainda vou criar um menino dos outros, pra na hora que eu precisar, eu num tá pedindo a ninguém. Nunca achava um menino, e nesse tempo diabo nenhum estudava não, era só por o mundo. Foi quem fez eu criar menino foi isso. Pronto só foi começar a criar que tinha... era um ciúme da peste, num deixava o caba andar não, pra canto nenhum. Eu sei que nesse tempo eu namorava com Chico, frescura do inferno, lundunzento, chorei e não veio pra jantar, ofereci tudo no mundo e num queria nada, até meia noite sentado ali num bau, eu: rapaz, quer saber de uma coisa, quer dançar não, não!

Ofereci tudo no mundo, não quis, pois eu vou. Fui, me levantei, pois eu vou dançar, porque toda vida gostei de dançar, passar a noite todinha chocando aqui num de de parede, nem de baú não... foi ate mais Laurindo de Janjão, ai dancei umas três parte e ele viu, ai dançava e ficava em pé conversando, começavam a tocar de novo, vamo dançar de novo. Ai quando ele viu, ai rapaz, mandou Chico de comadre Belisa me chamar. Que é? Você acha que eu sou corno, você ta... oxente, ofereci tudo e você num quis, chamei pra dançar e você disse que num ia, e eu sou obrigada a ficar aqui sentada a noite todinha, isso é conversa! Puxou no meu braço, vamo dançar! E os menino tudo achando graça, os menino sabia tudin que ele era ciumento, eu digo ah... então ta certo, e fomos dançar. Ai nesse dia Laurindo dançou ate mais Lourde que casou com Rosil de compadre Zé Pedro. Terminou, pai disse que tava bom de parar, ai Laurindo ficou ai, comadre Lúcia namorava com Chico de Avelino, ai nós fiquemo conversando ai... ai pai disse assim: Djanire vá buscar uma rede pra armar pros menino, ai Laurindo era gaiato que só o diabo, ai disse: eita Chico! Seu Zé Gomes ta botando nós pra correr, já ta mandando pegar a rede, eu: não menino, é porque já ta tarde e ele gosta de dormir cedo, foram embora, quando ele saiu, pois Chico foi mais o povo dos cardoso tudin, quando chegou ali naquele lageirinho, Laurindo foi mais chico, chegou lá ele tava ali naquele cajazeiro acola, tu acha! Por certo era pra saber se eu tava conversando com Laurindo, ele chama é Chico de Ana, ai quando foi depois ele veio aqui, mas eu achava graça. Oh Deixa se eu disse que naquele dia Chico tava lá no lajeiro ainda esperando, os outro povo foram tudo. Eu digo: num sei como ele teve coragem, que ele era mole que só, num andava só não. Mas era só conversando mesmo, não era namoro não eu e Laurindo, agora se ele num tivesse ido, eu tinha dançado a noite toda com Laurindo ai. Ai o caba que viesse com besteira, não, que viesse com muido, não, por isso eu acho que num dava pra eu da liberdade não, pra macho nenhum, porque... depois vinha humilhar, num, num eu num tenho rabo de palha, não to nem ai, se lasca quem quer, eu num to nem ai, de jeito nenhum, era ciumento demais, eu num dava motivo não, mas ciúme do jeito que ele fazia, homi. Hoje não, eu to velha, não ligo pra brincadeira, mas antes eu só gostava de andar cantando, era nos forro, era cantando mas os tocador, era cantando, era nos jogo, em todo canto era gritando, pulando, eu gostava de participar de tudo. Sei se era porque via eu com alegria e tinha ciúme, mas nunca dei motivo pra ninguém ter ciúme deu não, de jeito nenhum... num sei como é que as coisa do mundo, mas, o caba só casa se tiver de

casar. Ai o povo dizia, num tem gente feio no mundo não, ai eu dizia, tem não que eu vejo tanta gente feia casando, casado, ninguém é feio no mundo, porque se fulano diz que fulano é feio, outro diz que já acha fulana bonita. Outro diz fulano é alegre, outros já acha fulano abusada. A vida é assim mesmo, mesmo sendo feia, num sei se era porque conquistava todo mundo com alegria, com tudo no mundo, a gente vai ficando velho, vai ficando mais triste, mas desconsolado, também é doença e tudo. De primeiro quando... hoje não, mas quando Josival vivia dentro de casa, eu duvidava passar três mês pra nós num ser padrinho de um menino, ou testemunho de um noivo, nós tinha que ter essa despesa, e graças a deus, toda vida, o povo sempre me consideraram. Eu num sei se era porque eu tinha muita arte, eu tinha muita coisa, eu sempre fui da sociedade, negocio de candidata, de tudo, participava de tudo, ai o povo ficava doidinho, com o tanto de afilhado que eu tinha. Eu numas crisma que teve no horebe, eu fui madrinha de sete menina, o povo ria dizendo que parecia galinha de pinto novo. Eu comprei os tecido tudo, só variava as cores das roupas. Porque nesse embalo tinha gente que tinha condição, outros não tinha, mas todo mundo me considerava, gente de longe... Francisco de viola achava graça, dizia que quando eu cantava, ate o sino se balançava ai (risos) ele dizia que ave maria, o caba tando perto de Deja ela tando cantando da dor de ouvido. Eu tinha minha voz boa mesmo, limpa. Já hoje se eu começar a cantar da uma cosca na guela, ai eu faço é parar, nam...

CC: Qual foi a musica que você cantou no concurso? Era pra provocar Chico? (risos)

JDO: Não, eu cantava a musica porque era uma coisa que dava certo com nosso namoro, porque nós tinha terminado. Era assim...

“Fingi você não porque

A dor que estou sentindo

Sei que prefiro morrer

Falaram mal de mim

Tu quis acreditar

Agora pede clemencia

Arrependido quer voltar

Mas já é tarde

Ai de pagar o teu pecado

Eu prefiro viver sozinha

Do que mal acompanhada.”

Eita! Mas o povo bateram palma, era uma festa grande que tinha ai, e eu cantava em toda altura mesmo, mas muita gente já sabia porque eu tava cantando, mas eu fui aplaudida, eita diabo. Eu digo: diabo tu me paga, eu canto e desabafo. Porque toda musica que eu cantava o povo aplaudia, eu sempre tirava em primeiro lugar, essa musica de flor mamãe, eu cantava pra mamãe, essa era de José liao, ne?neu cantava todas as festas, sempre era no dia das mães, ai eu cantava e eu era aplaudida, nera brincadeira não, mas essa musica de José liao eu cantava, mas depois que mamãe morreu, eu pelego e num consigo mais não, de jeito nenhum. Eu só me lembro dela, que eu só cantava ela no dia das mães...

“Andei por todos os jardins

Procurando uma flor pra te ofertar

Em lugar algum encontrei

A flor perfeita pra te dar...

Ninguém sabia onde estava

Esta flor mimosa e perfeição.”

Ai eu pelejo pra cantar e num canto mais de jeito nenhum.

CC: Não tem nenhuma outra música que marque um namoro seu?

JDO: Não, assim, a gente se lembra do tempo e lembra das música, porque tinha aquelas musica que compadre Joaquim gostava de tocar no violão e cantar, principalmente quando a gente tava brigado (risos) é porque eu num me lembro da

musica que ele gostava de cantar, que eu achava graça quando ele cantava, tocando violão. Era só um desabafo. Bosta. Do jeito que eu cantava a de Chico ele cantava também, Zé Felix também tocava, Chico num gostava de cantar não, cantava assim quando ele tava zuado, nos canto eles tocando, João catita tocando, e ele batendo pandeiro, mas ele sozinho num cantava não.

CC: Quando Zé Felix foi embora, vocês perderam o contato?

JDO: Não, num tinha telefone naquele tempo, em canto nenhum não tinha, nem ele tinha. Eu num escrevia pra ele e nem ele escrevia pra mim não. Pronto, ficou pra lá e eu fiquei pra cá. Nem sei como ele começou a namorar com nenê, só sei que com nenê ele casou pra lá. Eu gostava dele, era morenin, mas eu queria bem a ele, gostava dele, nunca achei o que dizer, mesmo o povo daqui num queria não, mas era aquele tipo de gente, meu pai mesmo era um que gostava dele, que vivia aqui em casa direto, mas minha filha é assim, casamento tem que... ai começava. Mas se ele não gostasse ele não ficava fazendo piada. Ele não empata de ir pros canto, ai ficava explicando, é assim, assim... quem namorar? Você namora com fulano? namoro. Gosta dele? Gosto. Uma coisa eu digo, vou explicar tudin como é, olhe, casamento é assim, você namora com um rapaz, você vai casar com ele, ai vai ter os filho, se você, quando é pra pessoa criar um gato, o povo pergunta: essa gata é boa de rato? Essa gata é ladrona? Se for ladrona ninguém quer não. Do mesmo jeito é uma cachorra, vai criar esse cachorro, é ladrão, e num sei o que, é como uma pessoa se é uma família desnaturada, uma família desmantelada, só tem rapariga na família, só tem ladrão, só tem isso, só tem aquilo, quando você casar seus filho vai ser do mesmo jeito, então pense primeiro se quer casar, pense primeiro. Quer casar? Eu faço o casamento, pode ser com um nego da cabeça de pituin, eu faço o casamento, e os filho de pai era tudo casado em casa, acho que foi poucos que casou fora de casa, mas ele ia buscar o padre em bonito, pra casar em casa, os que casou aqui foi tudo em casa, só Raimunda que casou no queima, ela tava noiva, ai no dia que João Antônio foi casar, ai ela casou no queima, foi que nós fumo pra horebe e lá ela casou, mas ela já tava noiva pra casar, com os porcao tudo no chiqueiro, tava pronto, ela casou logo, pegou o forró e fez a festa tudo numa só. Quando foi no outro dia mandou o recado pra fazer uma festa no horebe, que era o casamento de outras pessoas, ai ela foi e casou, mas os outro tudin casaram em casa, ele dizia: eu faço, pra não fugir, e dizer que foi porque eu não fiz o casamento,

pra não fugir se quiser eu faço o casamento, pode ser com um nego dos cabelo pituin, mas saiba que daquele dia por diante lavei minhas mão, quero nem saber mais. Mas ele dizia que fazia o casamento, não queria era que a filha dele fugisse e dissesse que era porque ele não tinha feito o casamento. Apesar que graças a deus, todos que casaram aqui em casa, foi de gosto. Só madinha que namorava com seu Elia e o povo não queria. Seu Elia era metido a Boy, era ex-combatente, já tinha batido as quatro província, era professor, filho único, ai meu povo nem queria não, num foi num queria, nem os irmão, nem ninguém, mas ela queria, namorou muito tempo e casou com ele. Mas a porca torcesse o rabo, ela sofreu muito, mas gostava dele, casada, sofrendo. Viveu muito tempo sofrendo, mas viveu. Mas acho que casou por amor, queria bem a ele mesmo. Mas hoje, o povo nem casa por amor não.

ENTREVISTA 2

CLAUDIA CARDOSO (CC): pronto, diga aí seus namoros como foi?

TEREZA DE SOUSA (TDS): Eu sei lá, se lá me lembro. Os namoros eram diferentes de hoje, era diferente os namoros. Sei lá, eu sei que nós se abraçava, se beijava só. E agora é com mais coisa (risos). Valha meu Jesus do céu. Eram uns namoros simples. Somente... não tem o que dizer não muié. O que? Aonde eu vu arrancar as coisas da cabeça.

CC: Namorou muito?

TDS: Se eu for contar os namorados, já casou tudin. Só tá solteiro Bitin. Os outros casaram. Ciço Felipe namorei já morreu. Se eu for dizer tudin, eu não sei mais quem diabo foi. Quando era nova namorava era muito, tinha moça que ficava com raia deu... Eu não sei o que eu vou contar...Lembro mais não minha fia.

CC: Fala aí dos seus namoros, com Ciço Felipe...Você não se lembra não do tempo que namorou com ele não?

TDS: Lembro assim quando ele vinha pra cá. Vinha no sábado, voltava no domingo. Nós namorava era aí nesse cantin (risos) . Pai era pra li e nós ali como é que diz, num cantin reservado. Só muiér, dizer o que mais...Sei não.

CC: Fale das festas.

TDS: Nós ia festa no Horebe. Eu ia para Rita. Eu ia muito festa no Horebe. As festas de Ano. Eu ia para lá ir mais Salvino, comadre Rosa era solteira aí nós ia para Horebe.

CC: Ia mais as amigas para festa...

TDS: Mas as amigas para a festa (risos)...Os namoros...Os outros saia e nós ficava atrás namorando, conversando. Só se beijando e se abraçando. Só isso...Mas nada...Não acontecia nada.

CC: Quem foi seu primeiro namorado. Foi ele ou não?

TDS: O primeiro namorado meu minha fia ta, sei nem se ele morreu. Era Assis, que morava na Rita. Assis de Albino...Sei lá, de Zé Pereira, Antônio Pereira, sei lá. Se lembro mas não. Eu tinha o retrato dele aqui mas não sei cadê. Foi o primeiro namorado meu quando eu namorei. Depois dele foi Ciço. Depois de Ciço foi os namorados de pouco tempo, um mês, dois meses e pronto. Mas o primeiro foi esse aí que eu to dizendo. Muié isso faz muito tempo. Eu era bem novinha...Mocinha nova. Eu não lembro mais não minha fia.

CC: Já teve algum namorado escondido?

TDS: Sim... Não...Aconteceu.Mas todo mundo já sabe disso (risos). Eu não namorei escondido não. Foi aí mesmo, com diabo, filho de ...Zé Vieira do Capim. Tu não conhece também não. Esse não era do teu tempo não muié de Deus. Acho que tua mãe conhece. Só foi com esse mesmo e pronto. Não foi namoro, assim foi rápido. Carece nem explicar.

CC: Coisa rápida né... Aí de namorado para andar em tua casa assim, vim para cá tudin andava aqui?

TDS: Andava esse que eu disse que já morreu. Genival andou uma vez, mãe não gostava . A minha madrasta, ela não gostava não. Mas eu gostava dele. Ele andou aqui uma vez só.

CC: Qual foi o namorado que você gostou mais Francisca?

TDS: Foi o que eu namorei muito tempo (risos). Pois é minha fia, eu não sei mais contar, mais coisas não, me lembro mais não.

CC: Recebeu muitas cartas dos namorados?

TDS: Eu recebia mais de Ciço, de Bibi quando ele tava em São Paulo...Aquela carta num foi.

CC: Aquela carta ali... Ele morava aonde quando mandou?

TDS: Em São Paulo.

CC: Aí tu morava aonde?

TDS: Aqui.

CC: Porque ele botou o endereço Sítio Rita...

TDS: Quando ele veio de São Paulo, ficava na casa da mãe, mas ele trabalhava de ônibus.

CC: Vocês namoraram todo esse tempo e seu pai, sua mãe não falavam em vocês casarem?

TDS: Eles gostava dele... umhum, eles gostava deu, num sei porque foi terminar isso, sei lá... porque não tem de acontecer. Tu num se lembra... lembra não, era umas aliança de compromisso que tinha, que o povo usava, as aliança assim estreita que nem essa aqui. Eu tinha uma.

CC: Ele tinha lhe dado?

TDS: Então, ele me dava pulseira, eu nem gostava, eu num gostava de pulseira, ele me dava pulseira, me dava anel, me dava coisa de cabelo, eu num gostava não... (risos) era toda diferente. Coisa de buta no cabelo nunca gostei, eu dava tudin, as coisa que ele me dava, eu dava as minhas amiga. Eu num gostava de pulseira, nam...

... eu gostava dele. 5 anos né? Muito tempo... namorei quando era ... menino, sei lá, era uma moça nova.

CC: Lembra com que idade começou a namorar?

TDS: Nam... me lembro não, num me lembro não. Namorava, um mês, dois, três e pronto, acabava, já ficava com outro, ia forró, que nesse tempo nós andava tanto forró, nós ia era muito forró... (risos)

CC: Naquele tempo tinha muito forró?

TDS: Tinha, os forró era diferente de hoje, né que nem hoje não... forró hoje começa é a meia noite...

...É... só casa se tiver de casar.

CC: Gostava de dançar nos forró?

TDS: Ah... dançar eu dançava, ixx maria, era bom demais, dançava... (risos)

...Eu tinha tanto retrato deu nova, mas acabou, sei lá pra onde foi... gostava tanto de Bibi, ele era bonito viu! Ele era cobrador de onibuslá em São Paulo, era bonito o bicho... Eu num tenho retrato dele novo, eu dei a tu foi de Ciço num foi?... Eu num tinha retrato dele não, mas Bibi era bonito muier, mas se danou a beber cana quando chegou de São Paulo, ai ainda levou bem umas duas quedas, que foi pra cajazeiras ainda, quase morto, pois foi... ai hhoje ele usa é uma sandalha desse tamanho aqui, pra poder não ficar uma perna curta e outra cumprida... E eu gostava de Paulo também, gostava mais de Ciço, namoro velho...dez anos não é dez dias né? Ixx maria, Deus me livre, av maria...

CC: Mas porque acabou?

TDS: Acabou muie, sei lá porque, porque não era pra acontecer nós se casar, eu lembro que terminou, eu entreguei a aliança, chorei... na casa dele, que eu fui foi pra casa dele... eu ainda me lembro, lá na casa velha, tava eu, Salvina, madrinha Maria, eu num sei se meu padrinho mané Felipe já tinha morrido... acho que num tinha morrido ainda não, não tinha não. Ai mulher eu cheguei, pensa que esse homi conversava com eu, era pra lá e pra cá, ai eu perguntei a Salvina, porque era, e ela disse: ah Tereza eu num sei não. Num sei de jeito nenhum porque era, e eu me lembro, eu ficava em pé na porta, na porta da cozinha, na casa dele, e ele sentado em cima de um baú, que de primeiro o povo usava uns bauzão pra colocar umas

coisa dento, farinha, coisa, o povo botava la dentro, e ele sentado lá, e eu na porta como uma pantera (risos) sem conversar, nenhum conversava, nem eu e nem ele, pois era, ai foi até que ele saiu e foi lá pra casa de João Nestor, ele gostava da casa de João Nestor, ai ele foi pra casa de João Nestor, quando chegou era mais de sete horas, ai o povo se ditava cedo nessa época, se deitava cedo nera? Mas cadê eu dormi nega vea, a rede de Salvina bem pertinho, a dela assim e a minha passada perto da dela assim, e ele dormia pertinho da gente, do outro lado assim, do outro lado da parede. (suspiro) e eu chorando que só, a noite todinha... também minha fia, quando foi cinco horas eu me levantei e desabei no mei do mundo, quando eu sai, passei na casa de cumpadre João birô, aquela casa velha, que tem um taco ali de parede velha, cheguei la e as menina ficaram tudo doida quando eu cheguei, e as menina disseram: Oxe Francisca o que foi que aconteceu? Eu digo, minha filha aconteceu que Ciço num conversa comigo mais, nem nada, nem asanoite quando chegou, chegou era sete hora, num conversou com eu de jeito nenhum, ele deitado la no quarto dele e eu no quarto com Salvina, e era Cosma a sobrinha dela. Eu sei que só chorei a noite todinha, não preguei o olho de jeito nenhum, amanheci com os olho inchado, vaila jesus, ainda lembro como seja hoje, chorei... Ai cheguei na casa de comadre Dora, ai comadre Dora disse: cumpadre Ciço fez isso? Eu disse: fez... nem sei porque que acabou... ai logo que acabou ele já começou com essa mulher lá do horebe, era uma moça já velha, era mais velha que eu, pois foi... Ave maria, num gosto de me lembrar daquele tempo não, era gente vinha, gente me visitando, Maria de Zuca veio aqui onde tava eu, era mais lá naqueles quarto que tem lá dentro deitada, esse aqui era de botar farinha...

CC: Ai quando terminou você ficou triste?

TDS: É, fica mesmo nega vea, o caba namorar desse tanto de tempo com um cara (suspiro) e tudin gostava desse namoro, todo mundo, tudin, madinha Maria, ainda me lembro que madinha Maria gostava de beber um tiquin, e dizia: minha fia, vamo beber um tiquin de cana, desse tantin, pra poder almoçar, ainda me lembro como seja hoje, acabpou-se a casa lá, acho que num tem mais nem canto lá da casa, a de Ciço... E ele mora em Cajazeiras... Pois minha fia, quando cheguei era tanta gente vindo me visitar, era Maria de Hélio, ela vinha aqui, me dava conselho, eu tinha era raiv a, por certo queria dizer ela que era pra eu beber alguma coisa pra poder morrer, ela disse: Tereza tu num vai fazer isso não, algum arte pra morrer, por causa

de namoro não... Eu disse: Oxente mulher eu num to doida não, deu ir morrer e seus fulano ficar ai gozando ai... mas era de primeiro, tinha muita gente que fazia isso mesmo, mas eu nunca, de morrer e ficar gente ai esbravada no dente, nam...

CC: Ai quando acabou com ele, passou muito tempo sem namorar com outra pessoa?

TDS: Passei. Passei foi tempo, num namorava com ninguém, ninguém. (silencio)

Pois é minha fia, acho que eu num me lembro mais não... quando ele vinha pra aqui, ele vinha no sábado, vinha era de pé, nesse tempo num tinha bicicleta, moto, vinha de pé da Rita. Ah...(suspiro) ele veio uma vez, veio pra aqui, e foi no domingo bem cedinho, quando ele chegou la na casa de Jeronimo, naquela janela, num sabe, pediu agua, quando ele pediu os menino disseram que ele já tava escumano assim na boca, no canto da boca, e eu nunca vi ele desse jeito, nunca, nunca, nunca, namorei esse tanto de tempo e nunca vi... Ai minha fia o povo sairo lá fora e foram pegar ele e colocar naquela areazinha la fora, e botou ele lá, e ele ficou la escumano, aquele paozão de espoma saindo da boca, até quando ele amiorou e foram deixar ele lá na Rita, num deixaram ele ir só não. Eu nunca vi ele desse jeito, nunca, nunca... e elas vinha me perguntar: Francisca tu nunca viu Ciço dando esses passamento não? Não, nunca vi. Ai Bibi também era, quando namorava com Bibi ele vinha no sábado e voltava no domingo. E eu ia pra lá era de quinze em quinze dia, ele vinha praqui ai quando era com quinze dia eu ia, arrumava companheira ai ia, voltava no domingo de tarde, mas Ciço voltava era no domingo de manhã, Bibi era de tarde...

CC: Só teve esses dois pra vir pra cá?

TDS: Só, os outros não, oh, Genival, eu gostava tanto de Genival, ele vinha pra cá e voltava no mesmo dia, minha madrasta num gostava desse namoro não, nem com Nono que morreu, ela não gostava. Geraldo vieira, tu num conhece não, mas tua mãe conheceu. Geraldo vieira ainda namorei foi tempo, eu ia pra lá pra casa dele, ele vinha pra cá, mãe também num gostava não, de jeito nenhum. Eu ainda lembro que tem uma barrage lá bem pertin, ai as menina me aperriava, comade Chaguinha, Dezinha de Valdeci, dizia: Eita Terezinha, me chamava de Terezinha, outras Tereza, eita Terezinha, quando tu casar com Geraldo, que tiver aqui nessa barrage mais

ele... Oxente (risos) nunca, namorei uns dois mês e pronto, pois foi, namorava era pouco tempo, nera muito tempo não, com esse Genival também, eu namorei parece que foi uns dois mês, mas ele era noivo, ai se acabou e continuou de novo, ai ela brigava mais ele, ai tinha ciúmes deu, pois era (risos) ela tinha uma raiva deu que se pelava... pois é, o caba vai se lembrando, coisa velha, década de sessenta, sei lá, bote ano nisso... mulher tem que gravar isso tudin? lxx (risos) Olhe já me lembre foi de muita coisa, a gente vai conversando, vai distraindo e vai lembrano das coisas... pois é! Ai Paulo de tia Maria, ele vinha pra cá, eu ia pra lá, pra Cajazeiras, tinha vez que eu passava era mês lá, em Cajazeiras na casa de tia Maria... Mas era muito simples os namoro, acabou-se, ninguém ver mais não, de jeito nenhum, de Paulo, av maria, quando tia Maria era viva era muito bom, ia pra Cajazeiras, passava era tempo lá mais ela... Eunice, Eunice era casada, apartada. (Suspiro) Ainda me lembrei foi de coisa, assim mesmo, num me lembro é assim, os ano tudin, assim mesmo, só me lembro dos namoro, dos ano não, esse de França também num me lembro, foi depois do namoro com Ciço, num namorava mais com ninguém, já tinha se acabado com o menino da Rita, com Ciço... No dizer dele, eu acho que ele pensava que eu num era mais moça não, ele tava enganado...

CC: Quer dizer que vocês namoravam e ele pensava que você não era mais moça?

TDS: Não! Nós num namorava não, nessa época eu nem namorava com França nem com Ciço. Ele perguntava e eu dizia a ele, eu namorei com ele dez, eu acho que no pensar dele, ele pensava que eu num era mais moça. Sabe o que ele foi dizer, a Fátima de Ciço, irmão de Izaldite, filha de dona dos anjo, acho que tu num conhece não, elas mora em Cajazeiras, tua mãe conhece, elas mora em Cajazeiras, ele foi contar tudin a ela, pois foi, as duas Fátima, Fátima de dona dos anjo e Fátima de Ciço, pois foi, ai ele disse: Ali eu pensei que era assim, assim, assim, mas num era não, do jeito que eu pensava não, era diferente... foi minha fia...

CC: Tirou a prova que estava enganado...

TDS: Umhum, pois é!

ENTREVISTA 3

CLAUDIA CARDOSO (CC): Então Dona Mariana, me diga aí como era os namoros do seu tempo?

MARIANA PEDROSA (MP): Os namoros do outro tempo era diferente de hoje, não tinha ninguém santo...um beijinho era no escondido, respeitava mais os mais velhos as crianças e era assim hoje na, hoje ta assim na vista de todo mundo, não respeita mais os mais velhos, mas é assim mesmo né. As coisas é diferente.

CC: Mariana lembra a idade que começou a namorar?

MP: É uns quinze anos por aí. Eu num namorei muito não. Passei tempo demais namorando um só. Passei quase seis anos namorando com um rapaz só aí terminou.

CC: Teve quantos namorados ?

MP: Namorado certo mesmo só foi dois.

CC: Que andava na casa?

MP: Sim que andava na casa. Agora paquera né... Ficava um pouco uma semana. Aí teve uns quatro. Mas sério só foi dois.

CC: Já teve algum namorado escondido?

MP: Já. Namorei com um rapaz... Ave Maria, mãe não queria de jeito nenhum. E quanto mais não quer mas a gente gosta. Até que não deu mais certo, terminamos.

CC: Aí assim, a festa que tinha... Quais as festas que tinha que Mariana ia, que paquerava que arrumava namorado?

MP: Era que de primeiro chamava forró, aí a gente paquerava nos forró, com as colegas, passava a noite toda dançando. Hoje o pessoal vai para os forros não quer dançar. gente dançava que os pés no outro dia não podia caminhar de tanto calo. Nas dança arrumava os paqueras.

CC: Aí para conversar como Mariana teve tipo um namorado que não era do conhecimento dos pais que eles não queria. Aí para se comunicar fazia como?

MP: Fazia trato para ir para uma casa, é... da vizinhança ou nos forrós se encontrava, que mamãe e papai não tava, a gente aproveitava. Mas também não durou muito não. Eu vi que não tinha muito futuro eu terminei. Mas os outros eles gostavam era tudo do gosto deles. Esse último vixi era demais (risos).

CC: Aí já teve namorado para trocar carta?

MP: Teve. O terceiro namorado ele escrevia toda semana para mim. Só que dei fim essas cartas. Tem nenhuma. Mandava os bilhetinhos. Bem enroladinho.

CC: Aí quando namorava vinha para aqui como era assim, chegava aqui ficava mais Mariana, os pais pastorando...sentava perto...Como era?

MP: Era assim. Logo que chegava era um povo vergonhoso tanto eu como els era tudo. Aí ficava por ali. Quando tinha uma fuginha a gente encostava, conversava (risos). Quando ia para as festas, os forrós aí ficava a vontade a noite toda, dançando. Era mais acanhado naquele tempo.

CC: Aí tinha beijo?

MP: Era um beijinho escondido, ninguém via não, não era beijo em boca também não, era um beijo no rosto.

CC: Do temo assim de Mariana lembra das músicas que gostava que tinha a ver com o namorado, assim que lembrava alguém.

MP: É tem músicas dos forrós que a gente ia e namorava NE. Tenho mais recordação daquela música que diz o candeeiro se apagou...

CC: Para dançar NE

MP: Sim.

CC: Não tinha nem um cantor assim preferido de música apaixonada que Mariana gostava não?

MP: Não era banda. Era sanfoneiro.

CC: Mas assim, não tinha as músicas que tocava nas rádios. Naquele tempo o povo escutava muito rádio NE?

MP: É.

CC: Aí tinha aquelas músicas apaixonadas?

MP: Eu gostava de Carlos Alberto, Erasmo Carlos, Waldick Soriano ,de Agnaldo Timóteo.

CC: Aí para sair para ir assim para uma festa só ia se os pais fossem ou não?

MP: Não. Eu ia para a casa do pessoal de casa do povo onde tinha moça...Que conhecia era mais perto.

ENTREVISTA 4

CLAUDIA CARDOSO (CC): Então Dona Madalena me diga como era os namoros do seu tempo?

MADALENA PEREIRA DE LIMA (MPD): Meu tempo era sentada na calçada junto de pai e mãe, junto de irmão. Tudo Junto. Tudo sentado. Ali não tinha negócio de ta agarrado e nem beijinho não. Se desse uma folguinha, quando um saia aí dava uma bitoquinha muito ligeiro (risos). Só ia para uma festa se fosse com pai. Se ele não fosse, ia mais os irmãos. Os irmãos no pé não tinha como ser hoje em dia NE, tudo bem mais...

CC: Lembra com que idade começou a namorar?

MPL: Eita...comecei a namorar com uns onze anos. (Risos). Mas namoro besta num sabe. Só ficar como diz hoje. Ficava ali e pronto nós ia para a festa. Se eu fosse para um forró lá ficava com aquele rapaz. Dançava se ele falasse em ir lá em casa eu já dizia nem vá, não vá não. Já não queria nem mais saber.(Risos). Eu não sei como esse derradeiro eu consegui ficar com ele até casar (Risos). Eu nunca me interessei assim a namorar e querer logo. Era diferente demais.

CC: Os lugares que andava que era mais comum para encontrar namorado?

MPL: Forró pé de serra. Era para aonde a gente ia.

CC: Aí tinha aqui?

MPL: Tinha direto. Eu arrumei o daqui de casa nas Areias. (Risos).

CC: Lá foi palco de muitos namoros...

MPL: Arrumei ele lá nas Areias. Acho que nós ia terminando nas Areias de novo. (Risos).

CC: Teve muitos namorados?

MPL: Não.

CC: Para andar em casa...

MPL: Para andar em casa só ele. O resto só foi forró e pronto. Ficava lá mesmo. E foi dois só. Arrumei dois namorados em forró, aí arrumei ele e pronto.

CC: Começou a namorar nova com ele?

MPL: Casei com dezessete anos.

CC: Aí vocês namoraram quanto tempo para poder casar?

MPL: Dois anos.

CC: Aí a família era assim tudo fazia gosto do casamento?

MPL: Ah no começo não. Porque ele sempre foi mulherengo né aí quando a família soube e já caíram foram (Risos). Aí depois viram que não ia empatar né aí mãe mesmo falou é melhor fazer logo esse casamento de que ela fugir. Quer dizer de primeiro tinha o fugido. Minha mãe mesmo casou fugida. Aí ela foi logo dizendo antes dela fazer o que eu fiz, mas meu pai pai saiu de casa no dia do casamento porque não queria. Depois que eu cheguei da Igreja aí foram buscar ele e ele veio, mas por ele não tinha nem vindo, não queria saber só que aí depois todo mundo ficou com ele assim. Gostava mais dele que de mim (risos).

CC: Aí para sair para algum lugar saia só com a família ou...

MPL: Só com a família. Sozinha nunca fui em canto nenhum. Se meus irmãos fosse pai e mãe deixava e nem ele. Se não fosse nenhum podia chorar a noite inteira.

CC: Aí para falar assim com ele, como você teve namoro passageiro foi coisa rápida, mas com o seu namorado de dois anos vocês moravam perto um do outro.

MPL: Morava nos Barros sabe onde é e ele aqui nessa casinha perto da capela.

CC: Aí se falava...

MPL: De oito em oito dias...

CC: Mandava carta?

MPL: Quando pegava uma oportunidade, ele mandava eu mandava, mas para ir lá em casa ele só ia todo sábado, ia no sábado e voltava no domingo.

CC: E aí tem mais alguma coisa a me dizer Madalena. Alguma coisa que você lembra?

MPL: Só isso mesmo. Só essas coisas mesmo. Já inventemos logo de casar aí pronto. Todo mundo ficou gostando dele. Até agora quando deu certo vinte anos. Tá sendo vinte anos junto ainda.

CC: E daquele tempo Madalena as músicas que você gostava...

MPL: Só pé de Serra. te hoje é o que eu gosto. Eu não lembro do nome das músicas...

CC: Se você cantar um trequinho...

MPL: Lá no meu pé de serra deixei ficar meu coração, aí que saudade eu tenho eu vou voltar pro meu sertão. Lá se dançava quase toda quinta feira e a sanfona não para parava e tome xote a noite inteira. (Risos) . Só isso que eu sei...Tinha outra...As músicas do meu tempo tenho copiada quase tudo. Eu tenho um caderno cheio.

ENTREVISTA 5

CLAUDIA CARDOSO (CC): Me falem sobre os namoros quando eram jovens...

JOÃO PEREIRA (JP): Foi Vanica de Justino Neto...Um namorinho simples...Naquele tempo.

ANTONIA (AN): Foi finado Valmir já morreu também (risos)

JP: Tudo namorinho simples. Não existia nada nesse tempo. O povo era pouco. (Risos)

CC: Tinha muita festa por aqui?

AN: Tinha. Tinha forró. Só que eu fui muito pouco. Porque os pais da gente naquele tempo era mais ignorante que hoje né. Mais assim mesmo, quando sendo uma casa familiar. Naquele tempo era diferente de hoje. Em todo canto que a gente ia via respeito. Mas mesmo assim a gente não ia em todo canto, só ia onde eles fosse , ou fosse os dois. Papai era difícil ir, mas mamãe, ia com a gente né. Ela ia.

JP: A velha era mais chaleira.

AN: Mais chaleira não (risos). Quem tem filho tem que fazer os gostos. Pois é aí ela ia com a gente aqui por perto. Eu ainda fui forró nos Gouveia, lá em Pedro Batista. No dia que Antônio Luis casou. Tu conhece Antônio Luis, o pai de Chico Luis. No dia que ele casou eu fui para a festa dele.

JP: Faz um bucado de tempo (risos)

AN: Faz (risos). Não era de carro, era caminhando...em uma estrada boas, só Deus. Só ladeira.

CC: O povo só andava a pé ou montando...

JP: Minha primeira namorada foi Vanica. Era no tempo da carta. Escrevia uma carta e eu que não sabia ler mandava os outros escrever. Era um negócio diferente, Beta (risos) ela foi a primeira. O namoro foi desse jeito mesmo de vagarzinho. Acho que aí a segunda foi você.

AN: O segundo foi você.

CC: Aí quando namorou com Antônio já casaram?

AN: Não.

JP: Não. Foi uma peleja danada.

AN: A gente namorou quatro vezes e se acabamos, na quinta vez foi que nós namoramos e casamos (risos). Foi difícil.

CC: Namoraram muito tempo então...

AN: Foi.

JP: Foi.

AN: A gente namorava e se acabava. Ele namorava com outro, eu namorava com outro. Mas meu namoro com os outros era só umas palestrinhas. Já saía pouco de casa.

JP: Eu num só era uma palestrinha também não?

AN: Ah eu não sei...sei de mim (risos). Eu não andava mais você (risos). Minha vida foi assim. Também eu trabalhava muito não tinha tempo de viver.

JP: Depois eu arrumei uma namorada na Piedade açula eu tinha duas namoradas, perto uma da outra. Era uma briga danada delas lá(risos).Aí depois tive uma namorada aqui no... Nozinha de Chico Ferreira morava ali no...

AN: No Batista.

JP: Não. No Poço do Nego. Tinha duas lá e Nozinha ali. Maria de Maçonilo em Bonito e sua tia quase um namorinho meio devagar.

AN: Maria.

CC: E era tudo ao mesmo tempo essas namoradas?

JP: Não era em sequência (risos). Eu ainda juntei quatro no Santa Fé. Duas da Piedade e uma do Poço do Negro. E aquela que você tem o foto.Não é quatro com ela. Uma dessas é da Piedade. Uma da Piedade é aquela, filha de Pedro Galdino.

AN: Era Zefinha, Anailza e Nozinha.

JP: E você naquele dia. E mais (risos)...Parece que só.

AN: Namoramos muito não com os outros.

JP: Passamos cinco anos.

CC: Juntando tudo o namoro de vocês, dar cinco anos?

AN: Não. Dar mais.

JP: Só cinco anos namorei com ela.

AN: Sem parar Começamos a namorar passamos dois anos depois acabou-se aí noivamos passamos três anos depois acabou-se aí noivamos e passemos três anos para casar.

JP: Três anos...?

AN: Foi. Depois que noivou...Mas antes disso já tinha namorado quatro vezes e se acabano. Num sabe. Aí ele namorou com as outras e eu.

CC: Porque esse namoro não segurava e acabava hein?

JP: Eu não sei não.

AN: A gente era novo demais (risos).

JP: As vezes eu arrumava outra.

AN: Ele andava muito tocava. Andava muito pelos cantos. E eu também não queria casar nova demais não. Eu queria era trabalhar mesmo. Com dezesseis anos eu comprei uma máquina e comecei a costurar e ganhar meu dinheirinho. Com dezenove anos comecei a ensinar, fazia minhas lutas e estudava, comecei a ensinar.

JP: Não...(risos)

AN: Aí quando eu casei fazia quatro anos que tinha começado a ensinar.

JP: Nas gavetas da máquina dela (risos).

AN: Da última vez, das cinco que nós começamos a namorar aí a gente ficou com namoro normal e namorando Le num queria saber mais das outras também né. Aí pronto, deu certo. A gente chegou a noivar, aí foi cuidar em fazer essa casa, pronto aí quando deu certo casamos.

CC: Casou com quantos anos?

AN: Eu tinha vinte e três nos e ele vinte e cinco. Eu tava bem pertinho de completar vinte e quatro e ele bem pertinho de completar vinte e seis. Mas não tava completo nenhum.

CC: Aí vocês dois moravam aqui no Capim?

JP: Era. Eu aqui e ela em Timbau.

AN: Naquela capela. A casa de minha mãe era lá. Aí caiu depois construímos a capelinha. Era onde era o quarto de minha mãe. Só que nem foi construído ele todo.

JP: Só foi aí mesmo.

CC: João sei que ele não namorou escondido, que homem não tem isso de namoro escondido né...

AN: Não e eu também não namorei, de jeito nenhum. Os meus namoros todo mundo podia ver.

CC: Aí quando tu namorava com João todo mundo fazia gosto de vocês casar?

AN: Ave Maria. De ambas as partes. Nós nunca tivemos de saber de nada que a família dele falasse e nem da minha. Era de gosto de todos. Se eu era pobre ele também era. Se a gente num tinha nada, nenhum dos dois tinha (risos)... Mas eu...

JP: Fale mais...(risos)

AN: Não eu queria dizer assim quando nós casamos o que ele possuía era um cavalo e eu possuía treze cabeças de criação de bode.

JP: Mas ela não quer saber dos possuídos de ninguém.

AN: Mas eu to dizendo o começo de nossa vida. Então a gente começou e graças a Deus nunca passou fome toda a vida a gente teve o que comer, toda vida trabalhou. Eu ajudava por outro lado pouco. Ele também tocava nos forrós, ganhava aqueles dinheirinhos que ajudava graças a Deus até hoje ninguém passou precisão.

JP: A família ta tudo em São Paulo. Cinco filhos.

AN: Tudin tem seus pontos suas casas. Graças a Jesus. E tá bom.

JP: E ta com cinqüenta e três anos que nós ta olhando um para a cara do outro (risos).

AN: Completa dia vinte e um desse mês cinqüenta e três anos.

JP: Naquele tempo era carta, bilhete.

AN: Essas coisas e nós não era nada porque nós tava toda semana duas, três vezes.

JP: Eu acabei duas redes na casa dela (risos)

CC: Oxente e tu morando bem pertinho ainda deitava na rede na casa dela.

JP: Eu dormia lá Tinha medo de noite (risos)

AN: Ia ara lá, não vinha só dormir.

CC: Eita homem mole (risos)

AN: Dormia lá mesmo.

JP: Eu não vinha não, dormia lá mesmo. E as redes se acabando.

AN: Mas você dormia só. Não dormia de dois. Não dava para acabar.

JP: Era aquelas redes de tear, hoje tem rede de fabricar em todo canto, naquele tempo fiava o fio e mandava tecer e fazer as redes. Era difícil demais.

AN: Quando casei eu trouxe bem quatro.

CC: Me conte aí aquele dia de Santa Fé que você me contou aquele episódio lá com suas namoradas reunidas.

JP: Foi o seguinte. As três viram eu conversando com cada uma, mas essa daí não via não eu dei uma escondidinha (risos). As outras viram eu conversando com as três. Eu guardei o sigilo. E lá de Santa Fé só foi isso mesmo.

AN: Andou perto de levar uns gatos grande meus (rios) por sorte.

JP: Eu namorava com Nozinha essa do Poço Negro, nós ficamos numa janela, por trás, aí nós tava lá.

AN: Eu tava a Igreja que eu era madrinha de menina.

JP: Aí Mundinho Constantino teve um particular rapaz tu sai daí que na outra missa que aconteceu tu tava lá e mãe soube que você tava lá com ela e se dizer lá ela corre com você de lá. Muito obrigado. Eu sai. (Risos)

AN: Podendo ter esperado.

JP: Não se você pegasse

CC: Ela essa velha que você disse era a mãe dela?

JP: Não. A mãe de Mundinho.

AN: A mãe do que avisou a ele

JP: A casa era da velha.

CC: A casa que era dela...

JP: Aí nós faz um pedaço lá aí falaram para a velha. Foi porque a velha não via. Aí quando foi na outra missa que eu fui que tinha as quatro lá, foi quando Mundinho me avisou, rapaz tu tem cuidado se mãe ver aí vai correr com você daí (risos). Eu digo muito obrigada. Ainda hoje nós fala nisso eu mais Mundinho.

CC: Aí dessas daí o namoro sério era só com Antônia?

JP: Era. Só com ela mesmo que era perto de casa, namorar longe dava um trabalho (risos) danado rapaz.

CC: É... porque se as outras via você conversando com ela e num dizia nada é porque elas sabia que a namorada oficial era Antônia né (risos).

AN: Sem dúvidas...

JP: Aí era longe eu namorava com Maria de Macinino morava na casa do Padre Linhares. Aí era longe demais para. Agora essa fiquei com medo porque essa era doida para casar mesmo. (risos).

CC: Tava disposta a qualquer coisa...

JP: Sai de lá já tinha casa , se fosse para nós casar já tinha uma casa pronta lá tinha tudo. Eu digo vixe Nossa Senhora (risos). E eu não gostava dela, não era feia mas era aborrecida. Eu não gostava bem. Aí foi ela noivou, num tinha uns Preás no Bonito, a família Preá era João Preá o namorado dela. Aí ela chegou aqui um dia e ela tinha um irmão morando nos Barros ali, mas finado Horácio de Zezé. Zezé passava nessas estradas muitas vezes. Aí ela chegou e disse eu vim você me traga a carta, as cartas que eu mandei para você e aquelas fotos. A foto ta por aí ou jogaram fora. Eu disse você não me deu ou me emprestou? Lhe dei. Então eu vou guardar (risos). Aí foi ela casou com esse cara. Aí depois nós fomos no Bonito, eu mais ela e Beleu meu irmão, receber o dinheiro da prefeitura que aqui pertencia a Bonito. Aí fomos pra lá, fomos pra a casa dela. Fomos direto para a casa dela, mas ela não saiu fora (risos) não saiu fora de forma nenhuma.

CC: Isso faz muito tempo?

AN: Faz.

JP: Faz muito.

AN: Foi em sessenta e dois. Isso daí a gente casou em sessenta e três.

JP: Mas ela não saiu fora de forma nenhuma. Aí pronto, ela desenganou. Aí uma filha dela morreu no acidente você não sabe daquele acidente que aconteceu com Júnior Guarita lá na Ponte, vindo de Conceição.

CC: Não lembro que ela já sofreu esse acidente.

JP: Pois uma das filhas delas namorava com Júnior e morreu nesse acidente lá , faz muito tempo depois disso tudo eu vi ela em Bonito uma vez, sei nem se ela me reconheceu mais eu vi ela e disse essa e Maria (risos) é viúva ela hoje o marido dela morreu acho que foi de acidente também. Ele era motorista.

ENTREVISTA 6

Vicentina (VI): Lá em João Miguel, aí apareceu Misael (risos). Aí ele foi mas França de Zé Vieira, tu sabe que é né. Aquele França que é o pai daquela menina.

CLAUDIA CARDOSO (CC): Acho que Tereza falou nele, mas eu não sei quem é esse homem não.

VI: É irmão de Tó. Aí ele foi mais ele aí chegou lá era para França falar namoro a mim e ele falar a Deda. Aí falaram. Aí França veio falou: Vamos namorar comigo? Eu disse: Não. Aí veio Misael. Quer namorar comigo? Sim (risos). Aí tiramos a noite dançando lá, não teve beijinho não porque foi só o começo. Aí com oito dias tinha um forró em Demar. Aí veio os amigos dele tudin. Vai quebrar a cara, Zulmira não vai deixar ela vim. Aí eu fiz lá meus cambalachos e tia deixou (risos). Aí vinhamos para aí e começou mesmo namoro de verdade. Roubou um beijinho (risos) daí que nem diz a história, começou tudo de verdade e até hoje os quarenta e sete anos que o namoro ainda tá quente de pé.

CC: Mas a senhora só namorou com ele?

VI: Só. Ele foi o primeiro.

CC: O primeiro e para a vida toda.

VI: Eu acho que sim né. Deus abençoe. Quem sabe. É porque a gente hoje mesmo com a idade que a gente tem não sabe o que acontece. É mas... enquanto der, nós tamos aí né. Pois é. Só sei isso mesmo.

CC: Aí seguindo assim o namoro. Pra se ver...

VI: Ann, aí para nós se encontrar ele ia no domingo passava o domingo voltava na segunda. Quando era na quinta feira ele ia de novo no meio da semana lá para Ti Zuca, eu nunca levei ele na minha casa porque tia não tinha marido NE, ela era solteira nesse tempo. Aí eu sempre ficava lá em Ti Zuca. Devo muito favor a ele Floriza e devia a ele também né. A gente se encontrava, dançava e era aquele negócio como diz o povo. Passemos um ano e seis meses namorando aí casamos.

CC: Foi rápido, para casar...

VI: Foi. Eu não queria ficar assim namorando muito tempo. Naquele tempo Zulmira nem tinha marido, só tinha Ti Zuca de irmão mas já era casado também né, aí é melhor casar logo. Pois é daí naceram quatorze frutos, criei onze.

CC: Casou com quantos anos?

VI: Faltava três dias para dezesseis anos.

CC: Todo mundo gostava dele? Assim da tua família?

VI: Minha fia as coisas é como diz a história é em segredo. Se tinha alguém que num gostava... tia me falou uma vez assim: Queria que tu se casasse com Chico de Paulino. Era um amigo dele e era irmão de Lurde de Antônio João Jorralino, sogro de Lene né, mas eu não queria (risos) se ela falava assim não ia adiantar nada né. Não queria ele mesmo né.

CC: Aí vocês andavam muito forró assim?

VI: Não demais não. Uma vez ele foi no forró, ali em Pedro Bezerra seu avô ali onde Zé de Clarino mora. Aí passou lá eu tava lá em Mãezinha aí vamos, eu não tia não deixa não. Ele foi. Aí nesse dia foi ruim. Nesse dia eu chorei a noite todinha no pé do ouvido de tia e mãezinha que era a mãe de Chico dizendo: Mas Zulmira porque tu não deixa Nena ir. Gente novo. Ela sabe que o namorado vai. Vai não que Anália ta doente da garganta, tua acha (risos). Eu disse: ta bom velha mas tu me paga. Passei a noite todinha chorando no ouvido dela. Cala a boca Nena, cala essa boca e eu não. Eu chorei até que eu peguei no sono não sei que hora...E ouvindo a sanfona, o povo tudo conversando que é pertinho né. É eu dormia aí na casa que vocês mora hoje. Pois foi passei por essa.

CC: Mais tu nunca foi forró assim mais ele. Enquanto vocês namoravam.

VI: Só nós? Ou...

CC: Podia ser mais os outros...

VI: Já. Esse mesmo de João Miguel fui mais Madinha.

CC: Mas esse não foi o que vocês começaram a namorar?

VI: Foi e você fala assim como?

CC: Assim depois que vocês tavam namorando. Quando tinha um forró assim...

VI: Não só ia se Madinha fosse. A minha companheira era madinha como diz a história. Era da confiança de tia nera. Ah se Maria for, Maria nova chamava, aí você vai mas senão... Nem me peça. Aí pronto eu já ficava ali. Aí madinha sempre ia

nera. Ela sempre ia mas eu. Eu me lembro que uma vez nós fomos um forró. Não tem a placa acolá que a gente vai para Bonito aí tem uma entrada assim que eu não sei como é o nome do lugar, não to bem lembrada não. Eu sei que a gente foi um forró lá. Madinha, Chico...uma turma. Aí eu fui sem ele saber. Aí quando eu cheguei lá tava tudo dançando mais um irmão de Padim Severino chamado Gilvando. Aí quando eu olhei assim para o cantinho ele ia mas outro colega. Foram baixar lá sem nem saber que eu ia. Aí não prestou não.

CC: Gilvando era simpático nera, quando era novo né?

VI: Era.

CC: Todo mundo diz que ele era muito simpático.

VI: Era. Eu lembro que eu tava dançando mais ele. Tava com o relógio dele no braço (Risos). Não tive sorte não (risos)...O outro chegou...Eita...Pois é minha filha.

CC: Aí assim, negócio de beijar. Beijava?

VI: Era escondido. Ninguém podia ver não (risos). Se o povo vesse naquele tempo já dizia que a gente era qualquer coisa sem ser né... Eu lembro desse daí foi escondido esse daí de Demar, era o pai dele que fazia o forró. Aí depois foi liberando mais, mas Chico era ciumento de mim. Tá pensando eu não podia nem ficar assim sentado numa cadeira e o menino ficava por trás da cadeira e ele dizia: menino sem vergonha, vou já dizer a tia. Vá. Eu não to fazendo nada de mais.

CC: E para vocês se falarem assim, mandava carta ou só quando vinha para casa?

VI: Só mandou uma vez um bilhetezinho, porque ele dançou com uma dona e acho até que namorou, não sei... aí no outro dia de manhã aí foi ele mandou um bilhete para mim, eu fiquei com vontade de mandar outro dizendo que não queria mais..(risos) Quando é para ser é perdido. Tinha vontade mas... Mas ele era namorador minha filha.

CC: Deu muito trabalho a você...

VI: Deu nada (risos). É porque quando a gente quer uma coisa não sei... é... Pode ver o que ver. Eu vi muitas doidas atrás dele aí era de momento num forró, numa brincadeira assim. Quando é para acontecer acontece.